



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA  
AMAZÔNIA



MONIK ÁGUILLA SOUZA PEIXOTO

ESCRITOS DE SI E MEMÓRIA COLETIVA: Frida Maria Strandberg (Vingren) e a  
Missão da Fé Apostólica

BRAGANÇA/PA  
2017

MONIK ÁGUILLA SOUZA PEIXOTO

ESCRITOS DE SI E MEMÓRIA COLETIVA: Frida Maria Strandberg (Vingren) e a  
Missão da Fé Apostólica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação  
em Linguagens e Saberes na Amazônia- UFPA, como  
requisito para qualificação de dissertação de Mestrado em  
Linguagens e Saberes na Amazônia, sob orientação da  
Profª Drª Roberta Alexandrina da Silva.

BRAGANÇA/PA  
2017

MONIK ÁGUILLA SOUZA PEIXOTO

ESCRITOS DE SI E MEMÓRIA COLETIVA: Frida Maria Strandberg (Vingren) e a  
Missão da Fé Apostólica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação  
em Linguagens e Saberes na Amazônia- UFPA, como  
requisito para qualificação de dissertação de Mestrado em  
Linguagens e Saberes na Amazônia, sob orientação da  
Profª Drª Roberta Alexandrina da Silva.

**Banca examinadora:**

---

Professora Dra. Roberta Alexandrina da Silva  
(Presidente da Banca– UFPA / Bragança)

---

Professora Dra. Tabita dos Santos Fernandes  
(Membro interno da banca – UFPA / Bragança)

---

Professora Dra. Myriam Correa de Araújo Avila  
(Membro externo da banca – UFMG / Belo Horizonte)

BRAGANÇA/PA  
2017

## Dedicatória

Dedico este trabalho a todas as mulheres que acreditam que Deus não faz acepção de pessoas, mas enviou seu filho para morrer por homens e mulheres, e derramou seu Espírito sobre todos, indistintamente. Para todas as *Fridas*, *Deboras*, *Mirians*, *Junias* e *Phebes* que trabalharam e trabalham pela expansão do Reino de Deus, pela multiplicação do caráter e da vida de Cristo, sem nunca terem suas histórias contadas ou seus nomes citados, o que não impediu ou impede que cumpram seu chamado.

A todas as missionárias, brasileiras ou estrangeiras, que dedicaram ou dedicam suas vidas ao *ide*, que vivem em estado de perseguição constante, em países onde ser cristão é crime punido com morte, que carregam em seus próprios corpos o morrer de Jesus.

A todas as acadêmicas que, como eu, acreditam que a fé e a ciência são indivisíveis.

## AGRADECIMENTOS

**Deus**, fortaleza e refúgio. **Mãe**, por ter dedicado força e juventude à minha criação e, ainda hoje, impulsionar e patrocinar meus voos, mesmo que teu corpo e teu coração já não suportem algumas eventuais turbulências. Pelo apoio na vida e em especial na coleta de dados desta pesquisa. **Marido**, obrigada por partilhar comigo esse e tantos outros sonhos, pela tua compreensão nas minhas ausências (muitas vezes de corpo presente) e pelo teu abraço sempre disponível, remédio pra todas as minhas dores. **PPLSA**, pela riqueza de leitura, cultura e vida que proporciona aos seus discentes. **Minha orientadora**, Prof<sup>a</sup> Roberta Alexandrina, pela condução enérgica e lúcida desta pesquisa. **Professor Francisco Smith**, por mudar o rumo de tudo com as suas *Narrativas de imigração*. **Pai**, por ser incentivo e oração. **Equipe CAIC**, pela flexibilidade e compreensão com este momento, vocês são mais que colegas de trabalho, são família. **Luiza e Luciana**, por serem as tias mais engraçadas do mundo e me salvarem de mim mesma nos momentos de crise acadêmica. **Lorram**, amigo que o mestrado meu deu, porta aberta e conselho a tempo. **Thaise e Fábio** pela hospedagem e amizade durante as pesquisas no Rio de Janeiro. **Equipe CPAD** pelo excelente tratamento e pela disponibilidade de material para pesquisa, em especial às “amigas da Frida”. **Associação Brasileira de Cristãos na Ciência** por confirmar em mim que a ciência é uma missão. **A todos que direta ou indiretamente** me apoiaram nessa jornada, minha sincera gratidão.

Para que os seus corações sejam consolados, e estejam unidos em amor, e enriquecidos da plenitude da inteligência, para conhecimento do mistério de Deus e Pai, e de Cristo, Em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência. Cl 2:2-3.

Onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história (Fustel de Coulangens, 1862 *apud* LE GOFF, 1924, p.39).

## RESUMO

Esta pesquisa trata do anátema entre os escritos de Frida Maria Strandberg Vingren (missionária sueca enviada ao Brasil pela *Igreja Filadélfia de Estocolmo*, em 1917) e sua memória coletiva, tentando compreender as questões envolvidas no silenciamento e marginalização de sua memória, dentre as quais o contraste entre a postura intelectual da missionária e o *ethos* da missão da fé apostólica no Brasil. Nessas premissas, propõe-se investigar a história e as memórias da sueca que, aos 26 anos, emigrou sozinha, da Europa a Belém do Pará e experimentou a integralidade da vida imigrante no trópico úmido do início do século vinte. O objeto de pesquisa é observado em três aspectos: à luz da lógica do movimento migratório; a partir da memória coletiva construída ao longo de seu trabalho no Brasil e após sua morte na Suécia; e por meio dos registros e publicações feitos pela missionária em solo brasileiro, nos quais descreve suas percepções de identidade, alteridade e enfrentamento. Para responder aos anseios deste trabalho a metodologia parte da pesquisa bibliográfica nos eixos teóricos de imigração, discurso, gênero e memória, a partir de teóricos como Orlandi, Sayad, Le Goff, Ricouer, Joan Scot e Foucault, por exemplo; e complementa-se nos documentos e registros encontrados em campo.

**Palavras-chave:** Frida Vingren, Missão da Fé apostólica, memória coletiva.

## ABSTRACT

This paper deals with anathema to Frida Maria Strandberg Vingren's writings (Swedish missionary sent to Brazil by Philadelphia Church in Stockholm in 1917) and to her collective memory. It attempts to understand the questions involved in the silencing and marginalization of her memory, among which is the contrast between her intellectual stance and the ethos of Apostolic Faith Mission in Brazil. It intends to investigate the woman's history and memories, who at the age of 26 emigrated alone from Europe to Belem, Pará and experimented the completeness of an immigrant life in the humid tropic since the beginning of the twentieth century. The subject of study is observed in three aspects: in the light of the migratory movement's logic, based on the collective memory built over her work in Brazil and after her death and through the records and publications done by the missionary on Brazilian soil where she describes her identity, alterity and confrontation's perceptions. Meeting the needs and desires of this work, the research methodology was based on the bibliographic research of immigration, discourse, gender and memory thematic axis from Orlandi, Sayad, Le Goff, Ricouer, Joan Scot and Foucault's works. It is rather complemented by registers or records found in work field.

**Keywords:** Frida Vingren, Apostolic Faith Mission, Collective Memory, writings in itself



## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>CAPÍTULO 1: O TEMPO E O TEMA: COMPREENDENDO A LÓGICA DO MOVIMENTO MIGRATÓRIO</b>	15
1.1 O PENTECOSTES	15
1.2 A MISSÃO DA FÉ APOSTÓLICA	16
1.3 A IMIGRANTE FRIDA STRANDBERG	18
1.4 BELÉM, 03 DE JULHO DE 1917	22
1.5 IDENTIDADE E ALTERIDADE	26
<b>CAPÍTULO 2: DOCUMENTO E MONUMENTO</b>	29
2.1 O CAMPO DAS ENTRELINHAS	29
2.2 A NOVA HISTÓRIA E A HISTÓRIA DAS MULHERES: O QUE A MEMÓRIA COLETIVA TEM A VER COM ISSO?	31
2.3 DE QUEM É A MEMÓRIA?	33
2.4 DA MEMÓRIA PUBLICADA	38
2.4.1 A Biografia	
A) Sobre as escolhas gramaticais	
B) Sobre as escolhas imagéticas	
2.5 OUTRAS MEMÓRIAS	36
2.5.1 Gunnar Vingren	
2.5.2 Lewi Pethrus	
2.5.3 O Memorial	
<b>CAPÍTULO 3: ESCRITOS DE SI</b>	53
3.1 VOCAÇÃO	53
3.2 PRIMEIRAS IMPRESSÕES	57
3.3 UMA FEMINISTA CRISTÃ?	64
3.4 DA VOCAÇÃO À INTERDIÇÃO	72
3.5 A DISCIPLINA	76
<b>CONCLUSÃO</b>	81
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	84
<b>ANEXOS</b>	89

## INTRODUÇÃO

O universo feminino possui tantas nuances quantas são as histórias das quais mulheres foram partícipes e modificadoras, apesar de não serem lembradas e/ou citadas em algumas delas. Suposições, estigmas, preconceitos, meias verdades construíram relações sociais, pré-estabeleceram papéis, cristalizaram conceitos e (re) construíram o “ser mulher” inúmeras vezes. Considerando as matizes pelas quais esse sujeito – autor de suas próprias histórias e parte integrante da história da humanidade - pode ser analisado e conceituado, interessa-nos neste trabalho refletir acerca dos caminhos, nem sempre planos, que nos guiam, enquanto pesquisadores, aos descobrimentos desse, que, parafraseando Joan Scott (1992, p.82), é um grupo cuja identidade comum foi sempre pressuposta.

Queremos contar a história de uma mulher numa dada sociedade, mas os registros documentais aos quais temos acesso, quase sempre, foram e ainda são construídos por homens ou por meio de uma visão masculinizada. Todavia, acreditamos que contá-la por um ângulo diferente da versão “oficial” pode possibilitar uma abordagem mais fidedigna, pela voz ‘dela’, por meio de seu próprio discurso, uma história das mulheres contada por uma mulher que viveu a história. Não buscar um lugar que deveria ter, mas o seu próprio lugar, (re) contando os fatos sob o ponto de vista de um sujeito autor de si.

Nosso objeto de estudo não está ‘lá’, está aqui, em nós, mas não é nosso. É aquilo que nos inquieta, nos tira o sono, nos faz olhar, anotar, voltar e olhar outra vez, até termos certeza (ou não) de que é aquilo mesmo. Nosso ‘campo’ de trabalho é um lugar esquizofrênico, no qual precisamos, pacientemente, ouvir cada uma das vozes que nos falam, sem permitir que a nossa própria voz seja ouvida. Frida Maria Strandberg (Vingren) é o nome desta pesquisa, o lugar a revisitar, a voz a escutar, as lembranças a questionar, a memória que buscamos construir, reconstruir ou desconstruir, isso vai depender, de acordo com Paul Ricoeur, de *quem é a memória* (FRANÇOIS, 2007, p.134-150).

No título desta pesquisa usamos parênteses no sobrenome ‘Vingren’ propositalmente, uma vez que o consideramos parte da construção de sua memória coletiva. É no anátema entre os escritos de si e a história contada que este trabalho se insere, é nessa entrelinha que ele existe. Nosso objetivo, nesta pesquisa, é refletir esse anátema no seu sentido primeiro (do léxico do grego *anátema*, posto de lado) buscando “no que foi posto de lado” o não dito, o silenciado.

Justificamos a apresentação deste projeto ao mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia sob a Linha de Pesquisa Leitura e Tradução Cultural à luz do que propõe o programa: *Estudar, a partir de movimentos endógenos e exógenos, as diversas representações e práticas que perfizeram e perfazem as várias configurações das culturas da/na Amazônia, mediante a compreensão das diferentes formações discursivas e suas correspondentes condições sociais e históricas de produção*. Portanto, encontra sua relevância junto ao acervo religioso e cultural do Estado do Pará, uma vez que a sociedade belenense das primeiras décadas de 1900 foi o *locus* das manifestações iniciais do movimento pentecostal no Brasil.

Nessas premissas, nos propomos a investigar a história e as memórias de Frida Strandberg, a missionária sueca enviada pela *Evangeliska Fosterlands-Stiftelsen*<sup>1</sup> ao Brasil, em 1917. Enfermeira, poetisa, musicista e autora de 23 hinos publicados na *Harpa Cristã*, tradutora e redatora de três jornais denominacionais, Frida também foi mãe, esposa, e professora de bíblia<sup>2</sup> na integralidade da vida imigrante no trópico úmido do início do séc. XX.

Além de nossa personagem central, outras mulheres emergem nessa história, mesmo que, superficialmente, citadas. Portanto, as encontraremos nas entrelinhas oficiais e nas linhas de Frida Stranberg. Sim, Frida escreveu sobre o universo feminino de seu tempo: a cultura, os costumes, as regras, a participação, as funções a elas delegadas e as que lhes eram negadas.

---

<sup>1</sup> Associação Evangélica da Pátria. (MORAES, 2014, p.24)

<sup>2</sup> *Bibelkvinna*, antiga palavra sueca para designar uma mulher que exercia o ministério de ensinadora da palavra de Deus nas igrejas. (MORAES, 2014, p.32). Outra tradução, e a que optamos utilizar, é “professora de bíblia” (CARVALHO, 2014, p.115-126).

Langlois e Seignobos, historiadores franceses influentes no final do séc. XIX enfatizam o caráter fundamental dos documentos na produção do conhecimento histórico e afirmam: “onde não há documentos não há história”<sup>3</sup>. O historiador Ciro Flamarion Cardoso (1984, p.46-47), por outro lado, diz que a produção historiográfica não é mais a mesma em relação àquela do final dos oitocentos, o que acarreta mudanças de perspectivas, novos olhares e, em consequência disso, a ampliação da noção de fontes históricas. Portanto, para obter respostas aos anseios deste trabalho de cunho histórico investigativo, a metodologia orientadora está baseada parte em pesquisa bibliográfica, parte em pesquisa de campo, considerando o conceito de Giumbelli<sup>4</sup> sobre essa última.

A pesquisa bibliográfica está ancorada em teóricos do discurso como Orlandi<sup>5</sup>, Bakhtin<sup>6</sup> e Schleiermacher<sup>7</sup>, também em autores que discutem o ser humano em sociedade como Sayad<sup>8</sup> e Peter Burke<sup>9</sup> no contexto das imigrações; Jacques Le Goff<sup>10</sup> na conceituação e construção da memória, além de leituras paralelas que nos deram suporte a outras questões intrinsicamente envolvidas ao longo das reflexões. Como, por exemplo, Weber<sup>11</sup>, e suas concepções no âmbito da religião, artigos científicos, teses e dissertações já desenvolvidos sobre o assunto, etc. Quanto ao *campo*, a investigação dar-se-á por meio de documentos e registros de época conservados ou microfilmados, arquivados em órgãos públicos, como é o caso da

---

<sup>3</sup> CARDOSO. 1992, p, 51.

<sup>4</sup> Explicado no capítulo 2.

<sup>5</sup> ORLANDI. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ORLANDI. **Civilização e cultura**. Terra à Vista. Discurso do confronto: Velho e Novo mundo. 2ª ed. Campinas, SP, Unicamp, 2008.

<sup>6</sup> BAKHTIN/VOLOSHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 1929/2006.

<sup>7</sup> SCHLEIERMACHER. **Discursos Acadêmicos** (13 de agosto de 1829). In: Hermenêutica: arte e técnica de interpretação. Tradução e interpretação de Celso Reni Braidá. Petrópolis: Vozes, 1999.

<sup>8</sup> SAYAD. **O que é um imigrante?** A imigração ou os paradoxos da alteridade. SP, Edusp, 1998.

<sup>9</sup> BURKE. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

BURKE. **A Escrita a história: novas perspectivas** / Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992).

<sup>10</sup> LE GOFF. **História e memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

<sup>11</sup> WEBER. **Conceitos básicos de Sociologia**. SP. Centauro, 2002.

WEBER. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

Biblioteca Arthur Vianna em Belém do Pará, que detém um acervo de microfilmagens com mais de um século de jornais paraenses arquivados; ou privados, como o Museu Nacional das Assembleias de Deus, no Rio de Janeiro, no qual encontramos o Memorial Gunnar Vingren e tivemos acesso para pesquisa desta dissertação de mestrado.

No primeiro capítulo trataremos de teorias relacionadas à complexidade do ser migrante, sobre a lógica do movimento migratório, suas temáticas e motivações e, de que maneira isso está impresso no “rótulo” que se empresta ao imigrante, à sua transitória/provisória presença. A partir de Sayad refletir essa condição, tanto quanto o próprio conceito de espaço e território sobre a perspectiva das ciências sociais, considerando que não podemos pensar o imigrante sem antes conhecer as motivações que o fizeram atravessar suas fronteiras.

Como nosso sujeito de análise é uma missionária de um movimento religioso e, entendemos que essa é a motivação para tal imigração, consideramos importante reservar parte deste capítulo para tratar da origem desse movimento e de suas principais ramificações até sua chegada ao Brasil, especificamente à região norte do País.

No segundo capítulo a memória coletiva de Frida suscita temas como história, esquecimento, lembrança e silenciamento. Paul Ricoeur e Jacques Le Goff trazem à superfície perguntas como “De quem é a memória?”, “Do que queremos lembrar?”, “Quem escreveu a história?”. Este capítulo nos remete ao campo das entrelinhas, nosso lugar de escavação. A biografia oficial de Frida, cartas e artigos publicados até a primeira convenção, em 1930 (que discutiu o papel da mulher na congregação), além “outras memórias” que compõem a memória preservada.

O terceiro e último capítulo trata dos escritos de si. Uma coletânea das publicações de Frida Strandberg, com ênfase nas atividades intelectuais que desenvolveu no Brasil por dezesseis anos, motivada pelo trabalho missionário. Em terras brasileiras endereçou cartas à Suécia, descrevendo o avanço da *Missão da fé apostólica*, traduziu artigos para o português, foi responsável por uma coluna no

jornal religioso “Boa Semente”, publicou, também, nos jornais *Mensageiro da Paz* e *Evangelli Harold*. Casou-se com o missionário sueco Gunnar Vingren, teve seis filhos, enterrou um deles no Brasil. Compôs hinos e poesias em português. Cuidou de muitos enfermos, e ensinou sobre sua fé.

Em meio a esses registros encontramos, algumas vezes, a imigrante em busca de sua identidade, mas em outras, seu discurso demonstra o sujeito múltiplo formado pela força das circunstâncias migratórias, suas formas de adaptação, seu sentimento de pertencimento após o nascimento de filhos brasileiros. Olhar o outro e reconhecer-se como estrangeiro, perceber-se como parte de uma sociedade que não é sua, mas está para si. De alguma forma ‘reterritorializar-se’, imprimir-se, ainda que por meio de pequenas ações.

Frida por ela mesma, por seus registros e impressões, essa é a proposta deste último capítulo e também, a modesta intenção deste trabalho: permitir que Frida Maria Strandberg Vingren, nos conte, por si mesma, sobre a Belém das primeiras décadas do século XX e a Missão da Fé Apostólica.

## CAPÍTULO 1

### 1.1 O PENTECOSTES

Quinquagésimo, o nome que os judeus davam a “Festa das semanas”. Gonzáles (2011, p.51-55) afirma que era uma festa celebrada ao final da sétima semana depois da Páscoa, originalmente uma celebração agrícola ligada ao fim da colheita, na qual era apresentado um sacrifício simbólico para Deus, consistindo de dois pães feitos com o grão recém-colhido e também de animais determinados pela lei judaica; uma festa que atraía um grande número de peregrinos judeus de todas as partes do mundo a Jerusalém. Segundo o mesmo autor, após a destruição do primeiro templo, a festa evoluiu lentamente, até se tornar a celebração da libertação<sup>12</sup> da Lei de Moisés do Sinai.

Sete semanas após a ressurreição de Jesus Cristo, exatamente na festa de Pentecostes, os relatos bíblicos<sup>13</sup> dão conta de que os seguidores do Nazareno estavam todos reunidos no mesmo lugar, aparentemente uma casa - a referência enfatiza *todos*, ou seja, não só os doze primeiros discípulos, mas mulheres e outros que professavam a mesma fé – quando subitamente, “veio do céu um ruído, como de um vento forte”, que repartiu a cada um “línguas como de fogo<sup>14</sup>”, fazendo com que falassem o que o “espírito lhes concedia”. Este evento sobrenatural é o ponto de

---

<sup>12</sup> Quanto a questão da celebração da libertação das leis de Moisés do Sinai, Justo Gonzáles aponta para a seguinte possibilidade: Citando Knox, W.L em *The Acts of the apostles*. Cambridge, U.K: Cambridge University, 1948, p.75. O autor fala da relação entre a celebração da concessão da Lei no Pentecostes e a concessão do Espírito na data dessa celebração. Concluindo que, nesse caso, Lucas pretende informar que da mesma maneira como Deus entregou a Lei antiga no Monte Sinai no Pentecostes, também entregou a nova lei do espírito no Pentecostes, conjecturando com a tradição judaica de que quando Deus concedeu a Lei no Monte Sinai, a Palavra de Deus foi manifesta nas setenta línguas de todas as nações.

<sup>13</sup> Quando chegou o dia de Pentecostes, os discípulos estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como de um vento forte, que encheu toda a casa em que se encontravam. Então apareceram línguas como de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia expressar-se. (*A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 7ª ed. Brasília. Canção Nova, 2008, p, 1343-1344.*)

<sup>14</sup> “Novas línguas”, “outras línguas”, “línguas como de fogo”: termos utilizados pelos primeiros cristãos para descrever a experiência sobrenatural do batismo com o Espírito Santo, cuja manifestação física imediata é a glossolalia.

referência para todo o movimento pentecostal conhecido desde então. Os primeiros cristãos reconheceram essas “novas línguas” como sinal de terem sido batizados/imersos<sup>15</sup> no Espírito Santo, fazendo referência ao batismo por imersão em águas, praticado por João Batista<sup>16</sup>.

Vários eventos dessa natureza aconteceram durante a história do cristianismo. Um deles datado em 13 de agosto de 1727, quando os missionários moravianos, sobreviventes de mais de cem anos de perseguição religiosa (iniciada no período da Guerra dos 30 anos), acolhidos pelo Conde Hermhut na região da Saxônia *oraram* ininterruptamente durante 100 anos por *reavivamento*, pelo mesmo espírito dos antecessores apostólicos. Tão convictos estavam de terem sido avivados, vendiam-se como escravos, a fim de levar a mensagem do Cristo aos negros escravizados de vários lugares do mundo, como as Ilhas Virgens, Groenlândia, Suriname, Jamaica, Canadá, Austrália e África do Sul; relatos esses encontrados no *Diário dos Irmãos Morávios* (MORAIS, 2014, p.4). Outro avivacionista, John Wesley, foi influenciador do movimento na Inglaterra, influência essa que se expandiu até as Américas (CAMPOS, 2005, p.100-115).

## 1.2 A MISSÃO DA FÉ APOSTÓLICA

Muitas das crenças, que iriam se unir na identidade pentecostal no final do século XIX, circulavam separadamente, em diversas camadas do protestantismo norte americano, todas, porém, ligadas aos movimentos de santidade ou de reavivamento espiritual. Nesses meios enfatizavam-se a necessidade de conversão/novo nascimento; santificação; cura divina; volta de Jesus à Terra para inaugurar o milênio; retorno do Espírito Santo na forma de um “batismo de fogo”; coisas que provocariam sinais físicos, particularmente, o falar em línguas desconhecidas (CAMPOS, 2005, p.109).

---

<sup>15</sup> O termo Batismo, do grego “imersão”, remete a passagem e a promessa crida pelos primeiros cristãos e registrada no capítulo 2 do livro de Atos dos Apóstolos: “*Porque João mergulhou na água, mas vós sereis mergulhados no espírito santo, não muito depois destes dias*”. (*A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução do Conselho nacional dos bispos do Brasil. 7ª ed. Brasília. Canção Nova, 2008, p. 1343*).

<sup>16</sup> Segundo a narração do Evangelho de Lucas, João Batista era filho do sacerdote Zacarias e Isabel, prima de Maria, mãe de Jesus. É considerado, principalmente pelos cristãos, como o “anunciador” do Messias.



Em 1906, dentre as diversas movimentações identitárias pentecostais, aflorou na Califórnia (enquanto os Estados Unidos viviam a segregação racial e as mulheres ainda não tinham direitos políticos<sup>17</sup>), um movimento conhecido como *Missão da Rua Azusa*:

Um negro, filho de ex-escravos da Louisiana, então com 36 anos de idade, começou, em abril de 1906, num templo abandonado de uma Igreja Metodista Africana, no bairro negro de Los Angeles, uma caixa-preta, da qual começaram a sair gritos, convulsões, profecias, glossolalias, curas, milagres, prodígios e toda sorte de coisas, que rapidamente chamou a atenção da imprensa e, por meio dela, de todo o país. Em 18 de abril de 1906, o jornal *Los Angeles Times* publicava uma matéria que começava afirmando estarem os seus repórteres diante de “uma sobrenatural babel de línguas” e de uma “nova seita de fanáticos” formada em sua maioria por negros e imigrantes pobres, liderados por um pregador negro, William Seymour. (CAMPOS, 2005, p.110)

Nesse mesmo foco de *avivamento* encontram-se dois suecos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, ambos de doutrina Batista. Aproximam-se em Chicago, onde o primeiro já era pastor (e convertido à fé pentecostal) e o outro viera para uma convenção. Decorrido algum tempo, Vingren recebeu o que cria ser uma chamada divina para o Pará, na América do Sul. Meses depois, a mesma chamada foi confirmada para Daniel, a fim de que ele acompanhasse Gunnar nessa jornada (MORAES, 2011, p.1-20).

Acreditando num direcionamento divino, desembarcaram em Belém no dia 19 de novembro de 1910. Não conheciam ninguém, nem falavam a língua portuguesa. Com noventa dólares no bolso, passaram a noite num hotel perto do porto. Na manhã seguinte, ao folhear o jornal local encontraram o nome de Justus Nelson, então redator do jornal e já conhecido de Vingren, de uma das convenções na América do Norte. Justus Nelson era pastor metodista e os apresenta ao então líder da missão Batista no Pará, Raimundo Nobre. São acolhidos pela igreja dessa

---

<sup>17</sup> Nos EUA, as sufragistas conseguiram direito ao voto apenas em 1917.

denominação; aprendem a língua local e os costumes, concomitantemente iniciam a propagação da fé pentecostal: *A salvação em Jesus e o batismo com o Espírito Santo* (MORAES, 2011, p.1-20).

A 'novidade' causou estranheza em alguns membros da congregação batista, principalmente quando no dia 02 de junho de 1911, Celina Albuquerque afirmou ter sido curada de uma enfermidade e também ter falado *línguas estranhas*. É o registro da primeira conversão à fé pentecostal no Pará. Após o ocorrido, líderes e liderados reuniram-se em assembleia e decidiram por excluir da congregação batista os missionários pentecostais e todos aqueles que creram na nova doutrina (MORAES, 2011, p.7-10).

Os excluídos - registrados à Ata nº 222 da Igreja batista de Belém, sessão extraordinária do dia 13 de junho de 1911 - além dos missionários, somavam dezessete pessoas, dentre as quais dez mulheres: Celina Martins de Albuquerque, Emília Dias Rodrigues, Izabel Leonísia da Silva Athaydes, Jesusa Dias Rodrigues, Maria Benvinda Saraiva da Silva, Maria de Jesus Nazareth Cordeiro de Araújo, Maria dos Prazeres da Costa, Maria José Pinto de Carvalho, Maria Piedade Costa e Tereza Silva de Jesus. Passaram a reunir-se na casa de Celina, a partir de 18 de junho de 1911, à Rua Siqueira Mendes, 67, no bairro da Cidade Velha (MORAES, 2011, p.15-16.). Portanto, as mulheres eram 55% de toda a nova congregação que passou a denominar-se *Missão da Fé Apostólica*<sup>18</sup>.

### 1.3 A IMIGRANTE FRIDA STRANDBERG

Sayad afirma que a imigração é um “fato social completo” e que falar dela é falar da sociedade como um todo, uma vez que “[...] todo o itinerário do imigrante é, pode-se dizer, um itinerário epistemológico, um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de encontro de inúmeras

---

<sup>18</sup> Nome também dado por Charles Fox Paham ao movimento pentecostal nos EUA *Apostolic Faith Mission*. (MORAES, 2011, p.16-17).

disciplinas [...]” (SAYAD,1998, p.15). O tema e o tempo da imigração, então, nos ajudarão a qualificar esse sujeito instável, que não está em seu ponto de origem e nem pertence à sociedade de chegada. Defini-lo requer qualificar seu processo migratório, no qual o deslocamento espacial é algo comum, mas também condicionado, nesse caso, ao conceito de território que adotamos.

Para nosso objeto de análise, é interessante considerar ‘território’ numa conceituação abrangente, não só como espaço físico, mas “[...] em sua perspectiva mais integradora, ou seja, aquela que não prioriza nem a sua dimensão física, nem política, econômica ou cultural, mas que o vê como uma ‘experiência total do espaço’”. (HAESBAERT, 2005, p.43.).

Nascida em 1891, no Distrito de Västernorrlands, na região Norte da Suécia, filha dos Luteranos Jonas Strandberg e Kristina Margareta Sundelin, Frida cresceu no período em que o movimento Pentecostal atingia o auge na capital sueca e que, fiéis de outras denominações protestantes aceitaram a *doutrina do Espírito Santo* (MORAES, 2014, p.15-25).

Figura 1: A menina Frida



A menina Frida quando tinha por volta de 8 anos

Fonte: MORAES, 2014, p.16.

Figura 2: Frida e seus pais



Frida, aos 8 anos, com os seus pais Jonas Strandberg e Kristina Sundelin

Fonte: MORAES, 2014, p.17.

Sete anos após a chegada dos primeiros missionários suecos<sup>19</sup>, desembarcou em Belém no dia 03 de junho de 1917, aos vinte e seis anos, enviada pela Igreja Filadélfia de Estocolmo para trabalhar como “ensinadora da palavra de Deus”<sup>20</sup>.

Sayad (1998, p. 54.) conceitua o imigrante como “essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”. Considerando Frida sobre essa premissa, podemos afirmar que ela também foi chamada a trabalhar, provisória, temporária e revogavelmente. As mulheres do movimento pentecostal sueco, após frequentarem a escola bíblica, especialmente as futuras missionárias, profissionalizavam-se a fim de oferecer, além do *Reino de Deus*, mão-de-obra (voluntária) necessária às localidades estrangeiras para as quais eram enviadas (MORAES, 2014, p.24-29).

Strandberg formou-se enfermeira, atuou durante dois anos no Hospital de Vanesborg, três meses numa casa infantil, em Estocolmo, e foi chefe da sessão de enfermaria no Hospital Sabbatsbergs (MORAES, 2014, p.24-29). Ambos os trabalhos a fizeram existir como imigrante, condicionaram sua permanência no Brasil, bem como seu retorno à Suécia dezesseis anos mais tarde. Sua profissão foi de grande utilidade para as comunidades simples e carentes as quais serviu, já que o clima tropical da Amazônia era propício, especialmente no início do séc. XX, às doenças tipicamente tropicais ou relacionadas ao saneamento básico precário:

Tais doenças, por não terem merecido a devida atenção dos governantes quando os recursos para seu combate eram abundantes no período da Belle-Époque, mantinham as cidades insalubres e com péssimas situações sanitárias, embora “embelezadas” em seus centros urbanos, com altas taxas de morbimortalidade [...] Em que pese as condições de desenvolvimento advindas da borracha, o

---

<sup>19</sup> Samuel Nyström e sua esposa Lina Nyström foram os primeiros missionários enviados ao estrangeiro pela Svenska Fria Missionen, a junta Missionária fundada pela Igreja Filadélfia de Estocolmo, pastoreada por Lewi Pethrus. Foram também os primeiros missionários suecos enviados oficialmente ao Brasil pela igreja Filadélfia de Estocolmo após o contrato de sustento missionário feito em 1914 entre os pioneiros Daniel Berg e Gunnar Vingren, e Lewi Pethrus. (MORAES, 2011, p.93)

<sup>20</sup> “Em 27 de maio de 1917, Frida foi ordenada missionária na Igreja Filadélfia de Estocolmo, para trabalhar no Brasil, principalmente como *bibelkvinna* (antiga palavra sueca para designar uma mulher que exercia o ministério de ensinadora da Palavra de Deus nas igrejas)”. (MORAES, 2014, p.32).

estado do Pará e Belém convivia com índices sanitários desfavoráveis por conta de constantes epidemias de doenças como febre amarela, malária, cólera, varíola e peste bubônica, com participação, ainda, da pandemia de gripe espanhola, em 1918. (MIRANDA, 2013, p.14-24).

Figura 3: Enfermeira Frida



Fonte: MORAES, 2014, p.25.

Figura 4: Hospital Sabbatsbergs



Fonte: MORAES, 2014, p.25.

O imigrante frente à sua nova condição busca identidade, a sua, a do outro e a abstrata, aquela que será formada a partir do diálogo entre ele e outrem, na troca recíproca de referências, pré-conceitos e escolhas de equivalentes. Interpretar e traduzir não apenas o idioma, a palavra pela palavra, mas a cultura, o sentido e o valor simbólico de dado objeto, expressão ou comportamento, num jogo contínuo de alteridade e identidade. Esse processo só pode ser entendido analisando-se as questões sociais envolvidas, refletidas também (e principalmente, nesse caso) em suas escolhas linguístico-discursivas.

Haesbaert entenderia essa busca como uma tentativa de 'reterritorialização', resgatando o conceito mais abrangente de território, o de 'experiência integral', uma

maneira de, estando o imigrante fora de seu espaço físico e simbólico, trazê-lo para esse novo lugar. A fim de não perder seus laços identitários ou, na contra mão disso, adaptar-se aos novos padrões para ser inserido e aceito, ainda que revogavelmente, pela sociedade que o recebe (HAESBAERT, 2005, p.37).

#### 1.4 BELÉM, 03 DE JULHO DE 1917.

A *Petite Paris*, assim Belém do Pará era conhecida. Ainda em 1917 respirava os ares europeus que sua *Belle Époque*<sup>21</sup> trouxe à cidade. Com a riqueza da borracha adveio uma reorganização urbana refletida nitidamente em seus teatros, cafés, praças, canteiros centrais, bem como no modo de vida de seus habitantes. Até a arborização da cidade mudou, foram enxertadas centenas de mangueiras por toda Belém, a fim de ‘refrigerar’ as ruas mais nobres da cidade (SOARES, 2008, p.21-64). Essa era a capital que Frida enxergou e descreveu em sua primeira carta endereçada à Missão Sueca, repleta de detalhes e de tentativas de explicar tantas coisas inéditas aos seus olhos, até então:

Estava trovejando quando o navio chegou. À luz dos relâmpagos, vi a cidade na sua longitude, numa extensão de uns dez quilômetros. Ela me pareceu grande e imponente. Achei-a muito bonita, com suas torres e casas altas. No dia seguinte, de manhã, tudo era Sol e verão outra vez. Achei lindas as margens do rio, com duas pequenas ilhas ao longe. Vi as belas praias baixas, um pouco monótonas, e a densa mata atrás. (MORAES, 2014, p.38<sup>22</sup>)

---

<sup>21</sup> “A mitologia da belle époque foi expressiva e enraizada o bastante para construir suas representações e mundializá-las. Nesse sentido, Paris emerge, no final do século XIX, na condição de uma grande e poderosa metáfora, espaço-síntese de uma forma de vida requintada, elegante, culta e civilizada. Os mecanismos e os comportamentos da sociabilidade burguesa produziram, assim, imagens de uma Idade de Ouro da vida social, cujas vias e veias de circulação orgânica eram os boulevards de Paris.” (COELHO, 2011, p.141).

<sup>22</sup> Na biografia não há dados sobre o tradutor. Tentamos obter a informação por e-mail, mas não tivemos retorno.

Figura 5: Avenida Boulevard Castilho França, início do séc.XX.



FONTE: <http://portalmatsunaga.xpg.uol.com.br/Bondes.html>. Acessado em: 16/07/2016.

A imigração abandona os valores que foram formadores, mas ao mesmo tempo os carrega como tropa de choque para a nova situação. Pessoas e lugares são deixados para trás. A língua, uma forma de viver comum a todos, é abandonada em troca de um viver afundado em outra realidade simbólica. Antes, a analogia seria com imersão, não afundamento. O peixe está imerso no rio, mas parece afundado num tanque ou aquário. Assim, o choque cultural é inevitável no processo migratório, quando os pré-conceitos precisam se abrir à revisão ou toda personalidade deve se preparar para os mecanismos de defesa frente à adaptação ou resistência à mesma” (MENEZES, 2003, p.109).

Antes de embarcar para o Brasil, Frida escreveu um telegrama para os missionários que já estavam no Pará, avisando de sua chegada. Mas, ainda não tinha certeza se alguém viria recebê-la. O primeiro olhar sobre o povo nativo nos mostra vestígios das surpresas do porvir. “[...] Ali no cais, entre todos os pequenos brasileiros [...]” viu um homem “claro e mais alto que todo mundo [...]” (MORAES, 2014, p.38) era outro estrangeiro, também missionário, Samuel Nyström quem a esperava. Considerando o documento original, publicado na Suécia em setembro de

1917<sup>23</sup>, destacamos numa tradução livre no mesmo trecho o arquétipo do brasileiro/paraense àquela imigrante, que a fez rapidamente diferenciar seu conterrâneo em meio à multidão: “[...] no cais, entre os brasileiros de pequeno porte e pele escura, vi um homem claro, mais alto do que todos os outros [...]” (MORAES, 2014, p.38 grifo nosso).

Apesar da aparente prosperidade e visível reorganização urbana, Belém ainda mostraria à recém-chegada sua outra face. Logo que subiu num dos bondes de segunda classe, de uma das linhas que cruzavam a cidade, percebeu que “só pessoas requintadas” andavam na primeira classe (MORAES, 2014, p.38). As linhas do bonde iam do comércio aos bairros mais afastados, lugares que não pareciam, nem minimamente, com a imponente Belém na qual desembarcara.

O projeto de colonização agrícola e as vantagens da borracha expostas em propagandas que ofereciam vantajosas oportunidades de enriquecimento e prosperidade atraíram espanhóis, portugueses, italianos, japoneses, ingleses entre outros povos de nacionalidades europeias. O Pará era uma referência para as migrações internacionais. Mas, também nacionais, especialmente nordestinas (SMITH JR, 2011, p.50-76).

A legislação brasileira instituiu as diretrizes da colonização. Emmi (2008, p.71-112) discorre sobre o Decreto n.9081/1911 que trata das condições de aceitação de imigrantes, caracterizando-os em dois tipos, os *agricultores* – que tinham suas despesas custeadas pela União – e os *espontâneos* vindos “por conta própria com passagem de 2ª ou 3ª classe, ressaltando, por conseguinte, a condição de pobreza na definição de imigrante”.

Na primeira página do jornal *Folha do Norte* de 04 de outubro de 1914 (LACERDA, 2006, p.208-209), publicou-se *As feldades da formosa Belém* que denunciavam, entre outras situações, os “desalinhados arraiais do sertão, com seus casebres, palhoças e cercas podres e chão vazios”. Numa dessas desordenadas ruas Frida ficou hospedada, e afirmamos isso comparando o descrito acima a outro trecho da carta endereçada à missão sueca:

---

<sup>23</sup> A carta de Frida foi publicada na edição de nº 36 do jornal denominacional *Evangelii Hårold*, em 06 de setembro de 1917. (grifo e tradução nossa).



[...] A casa feita de terra amassada, é pintada de branco nos dois lados e tem três quartos. Todos os móveis de um dos quartos consistem em uma escrivaninha do irmão Samuel, uma estante de livros feita de um caixote, uma mesa não pintada e algumas cadeiras. O telhado é de grossas vigas com telhas redondas. O chão é bom, mas feio e muito grosso [...] (MORAES, 2014, p.38-39).

As aspirações do poder público quanto à europeização de Belém criaram uma verdadeira fronteira entre ricos e marginalizados. Lacerda (2006, p.205-206) afirma que a remodelação gerou muitos problemas, dentre os quais “pântanos” – “bairros inteiros alagados e atingidos pelas constantes chuvas que assolavam a cidade -. Esses ambientes eram insalubres e, entre seus menores problemas, estavam os mosquitos”, muitos transmissores de doenças. Frida não conhecia a necessidade de um mosquiteiro, na verdade, nem sabia nomeá-lo e, numa tentativa de descrever sua funcionalidade, registrou sobre os “quartos de dormir”:

[...] há somente a necessária rede contra os mosquitos. Quando a pessoa se deita, então puxa a rede em redor de si e da cama, e fica como que dentro de um saco transparente. Eu, em vez de deixar os mosquitos do lado de fora, os encerrei dentro da rede comigo. Mas dormi bem da mesma forma [...]. (MORAES, 2014, p.39)

Figura 6: Rua dos Cearenses.



Fonte: <https://www.delcampe.net>, acessado em 17/06/2016.

Figura 7: Praça São José, à entrada da Av. 16 de Novembro (antiga Estrada de São José) em 1906.



Fonte: Relatório de 1906 apresentado ao Conselho Municipal de Belém pelo Intendente Antônio José de Lemos. Disponível em: [http://olimpiareisresque.blogspot.com.br/2014\\_10\\_01\\_archive.html](http://olimpiareisresque.blogspot.com.br/2014_10_01_archive.html). Acessado em: 17/06/2016.

A *Folha do Norte* publicava, constantemente, conflitos envolvendo galinheiros, uma vez que muitas pessoas tinham esse tipo de criação, alvo constante de ladrões<sup>24</sup>. Isso também não passou despercebido nos registros de Frida. “[...] Acordei altas horas da noite. Era um barulho terrível. A cidade estava cheia de galinhas. Todos têm galinhas e galos. Era o seu concerto da madrugada que eu estava ouvindo [...]” (MORAES, 2014, p.39). Todo esplendor descrito nas linhas iniciais de sua primeira carta contrastavam não só com a cidade à margem, mas com o próprio retrato de sua gente. Belém era um lugar de muitos doentes. Malária, febre amarela, coqueluche, peste bubônica, lepra, tuberculose, varíola, e outras moléstias assolavam os habitantes da capital paraense (MIRANDA, 2013, p.14-24).

## 1.5 IDENTIDADE E ALTERIDADE

<sup>24</sup> [...] os galinheiros, sempre focos de ladrões, também eram foco de conflitos, chegando essas queixas às páginas dos jornais e até mesmo à Chefatura de polícia [...] (LACERDA, 2006, p.214.).

Na casa de Samuel Nyström havia um cachorro que, possivelmente, passaria despercebido de um registro, a não ser por dois tendenciosos motivos: seu nome, Svea<sup>25</sup>, e sua “postura”, parecia “bem sueco” (MORAES, 2014, p.39). Apesar de ser apenas um animal de estimação, carregava em seu nome a história dos imigrantes que ali moravam. Para Haesbaert

[...] é no campo simbólico ou das representações que o imigrante pode melhor se ‘segurar’ a fim de manter um mínimo da territorialidade perdida no decorrer de seu deslocamento espacial. Sobram sempre ‘geografias imaginárias’ que, juntamente com outros elementos constituidores de sua cultura, podem ser revividos/rememorados, reconstituindo assim a identidade do migrante enquanto grupo” (2005, p.41).

Mais adiante e já quase ao final da narrativa da primeira carta escrita em solo paraense, Frida refere a si mesma em terceira pessoa e reconhece seu lugar de imigrante: “[...] Eu estava sentada ali como uma estrangeira, mas me sentia bem entre eles. Depois todos vieram saudar a recém-chegada [...]” (MORAES, 2014, p.39 grifo nosso).

Olhar o outro e reconhecer-se como estrangeiro, perceber-se como parte de uma sociedade que não é sua, mas está para si. De alguma forma ‘reterritorializar-se’ (HAESBAERT, 2005, p.43), imprimir-se, ainda que por meio de pequenas ações. O que migra depara-se então com uma subjetividade outrora desconhecida, a que precisa lidar com o outro, que desconstrói concepções de identidade fixas do sujeito emigrante, diametralmente oposta à sua condição de imigrante.

Berger (1972, p.10) afirma que “ver precede as palavras, a criança olha e reconhece antes mesmo de poder falar”, ou seja, “a maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos” (idem). Quando escolhemos, mesmo que, impulsivamente, olhar algo, o que quer que seja não é visto de maneira isolada e desconexa, estamos sempre fazendo a ligação entre o que olhamos e nós mesmos. De maneira que *reterritorializar-se* é também olhar o outro - espaço,

---

<sup>25</sup> Deriva de “Svear” (suecos), tribo que conquistou a terra que hoje é a Suécia.

indivíduo, comportamento, idioma, etc. - em busca do que lhe faça sentido, do que lhe conecte, do que lhe seja conhecido, do que aproxime saberes comuns daquele que olha.

[...] Aqui começa a esquentar, a estação chuvosa de seis meses, que inicia em janeiro, já acabou. Eu comecei a ler a língua e agora anseio pelo dia em que possa começar a trabalhar. A colheita é verdadeiramente grande, o tempo é curto [...] Orem pelo Brasil, pelo Pará, que o Senhor derrame mais uma vez o seu espírito. Com mensagens de paz aos amigos, Frida Strandberg. (Jornal *Evangelli Hårold*, 1917, nº 36, p.1 tradução nossa).

O imigrante é um indivíduo em trânsito numa sociedade em constante movimento. Essa relação (des) constrói fronteiras a partir do momento em que não se pode mais definir onde termina uma cultura e começa a outra. Tomando emprestado o termo “entre-lugar”<sup>26</sup> e, nas palavras de Homi Bhabha (HANCIAU, 2005, p.126-139), o migrante aponta para “um espaço de trocas e mudanças, sempre movido, nunca fixo, um terceiro espaço”. Uma vez que essa localização quase flutuante fornece “o campo para elaboração de estratégias de subjetivação que dão início a novos signos de identidade e a postos inovadores de colaboração e contestação no ato de definir a própria ideia de sociedade” (idem).

---

<sup>26</sup> Geralmente o termo é remetido a Silvano Santiago, que o criou. Mas, esta pesquisa relaciona-o ao artigo **Entre-Lugar**, de Nubia Jacques Hancial. FURG *in* Conceitos de Literatura e Cultura. Eurídice Figueiredo (Org.). Juiz de Fora: UFJF, 2005.

## CAPÍTULO 2

### DOCUMENTO E MONUMENTO

#### 2.1 O CAMPO DAS ENTRELINHAS

Sob o ponto de vista Malinowskiano, que canonizou o trabalho de campo exclusivamente ligado a uma vivência real junto aos objetos de pesquisa, no caso dele às tribos nas quais desenvolvia seus ensaios etnográficos (GIUMBELLI, 2002, p.91-107), nossas fontes não acham para si um lugar que se possa chamar de “campo”. Fato que nos fez ancorar nosso barco à deriva as concepções de Giumbelli, que concebe uma relação entre objeto e trabalho de campo metodologicamente não excludente.

O objetivo fundamental da pesquisa etnográfica deve ser buscado a partir de uma variedade de fontes, cuja pertinência é avaliada pelo acesso que propiciam aos “mecanismos sociais” e aos “pontos de vista” em suas “manifestações concretas”. Ora, há situações etnográficas em que essas fontes são exatamente os “documentos materiais fixos” a que se refere Malinowski. Em se tratando de um objeto histórico, essas serão as únicas fontes para o trabalho de um antropólogo” (GIUMBELLI, 2002, p.102).

A partir de agora, pontuando aspectos relevantes nesse percurso dialógico com as fontes documentais, queremos refletir acerca da memória coletiva de Frida e, de certa forma, das mulheres da Fé Apostólica. Portanto - e pelo fato de que, segundo Le Goff (1924, p.535), “o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha” – deparamo-nos nessa jornada com um campo de entrelinhas. Neste capítulo, trataremos de Frida Vingren<sup>27</sup>, da memória

---

<sup>27</sup> A memória coletiva do sujeito de nossa pesquisa é “Frida Vingren” - seu nome de casada - portanto, neste capítulo nos referiremos a ela dessa forma.

oficial, construída e coletiva: a esposa de Gunnar Vingren, o pioneiro da Fé Pentecostal no Brasil.

Importa-nos frisar que nosso objetivo neste diálogo não é transformar os paradigmas dogmáticos que motivaram a construção dessa memória. Mas, trazer à superfície a amplitude e a significância da preservação da memória para constituição de verdades e papéis. Optamos fazê-lo, também, por meio da (re) leitura da biografia oficial de Frida por ser a única coletânea de seus feitos oficialmente publicada pela CPAD<sup>28</sup>, ligada à CGABD<sup>29</sup> e ao Conselho de Doutrina da instituição religiosa<sup>30</sup> que se constituiu ao longo dos anos e do crescimento do trabalho dos missionários suecos no Brasil.

No discurso oficializado, as escolhas gramaticais e organizacionais do autor revelam - se observadas com um pouco mais de atenção às entrelinhas - uma identidade construída no limite dos padrões aceitáveis pela sociedade “possuidora” de sua memória.

Ser, quando se trata de mulheres, é ser percebido pelo olhar masculino, ou por um olhar marcado pelas categorias masculinas”. Segue o autor afirmando que quando se elogia uma obra de mulher por ‘ser feminina’, é, essencialmente uma forma de evitar todas as propriedades e práticas que podem funcionar como sinais de virilidade. “Dizer de uma mulher de poder que ela é ‘muito feminina’ não é mais que um modo particularmente sutil de negar-lhe qualquer direito a este atributo caracteristicamente masculino que é o poder”. (ECCO, 2008, p.94)

Para Almeida (2014, p.25) o patriarcalismo no Brasil é endossado pela religião cristã ocidental. Essa afirmação nos ajuda a entender que a formação religiosa influencia diretamente na formalização e construção da identidade e dos padrões masculinos. O biógrafo de Frida, de acordo com as informações da

---

<sup>28</sup> Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

<sup>29</sup> Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil.

<sup>30</sup> “Em 11 de janeiro de 1918, Gunnar Vingren registrou o Estatuto da igreja no Cartório de Registro de Títulos e Documentos do 1º ofício, em Belém, no Livro A, nº 2, de Registro Civil de Pessoas Jurídicas e outros papéis, número de ordem 131.448, sob o nome Estatuto da Sociedade Evangélica Assembléa de Deus, número de ordem 21.320, do protocolo Nº2. (MORAES, 2011, p.18).

contracapa do livro, é teólogo, graduado pelo IBAD<sup>31</sup>, “ministro do evangelho e pesquisador da história das Assembleias de Deus no Brasil” (MORAES, 2014). Essa formação institucional nos remete a algumas hipóteses sobre as motivações de preservação ou ocultação de fatos, bem como o coloca no lugar de “coletor” de memória, ou seja, a biografia é apenas uma coletânea de memórias escolhidas, selecionadas, permitidas pelos detentores das verdades absolutas sobre Frida ao longo de sua trajetória no Brasil.

## **2.2 A NOVA HISTÓRIA E A HISTÓRIA DAS MULHERES: O QUE A MEMÓRIA COLETIVA TEM A VER COM ISSO?**

A história tradicional é, frequentemente, baseada em documentos, narrativas de fatos grandiosos e feitos heroicos, quase sempre atribuídos a homens [brancos e europeus] importantes de uma sociedade de prestígio. Nessa perspectiva, memória coletiva e história são conceitos consequentemente convergentes aos contextos conceituais de documento, passado, futuro, lembrança, reminiscência e esquecimento, se a considerarmos como registro oficial da memória de alguém ou de grupos específicos.

O que se quer e/ou precisa guardar/lembrar? Lembramos daquilo que não está aqui - no tempo presente – mas, é o fato em vivência que constrói a memória. Todavia, antes de tornar-se história os fatos passam por um processo de seleção. Le Goff afirma que:

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1924, p.426).

---

<sup>31</sup> Instituto Bíblico das Assembleias de Deus.

Desde meados do séc. XX “novas histórias” têm sido contadas. De acordo com Peter Burke, histórias vistas de baixo, sob o olhar e “considerando a opinião de pessoas comuns e com sua experiência da mudança social”. Com isso, o relativismo social ganhou destaque: vozes antes silenciadas, grupos esquecidos, vivências desconsideradas, outros olhares dos mesmos acontecimentos. Ainda citando Burke, o “que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma “construção cultural” sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço” (BURKE, 1992, p.7-38).

Mudam-se as perspectivas, conseqüentemente o que era registro aceito como registro histórico também sofre mudança. Se, antes, apenas os documentos registrados em cartórios ou arquivados e publicados por órgãos oficiais do governo eram fontes de credibilidade, agora os historiadores veem que, por conta de “uma maior variabilidade humana, devem examinar uma maior variedade de evidências” (BURKE, 1992, p.16) Entram em cena os registros orais, as crônicas, cartas e diários pessoais, por exemplo.

Seja como for, sua preocupação com toda a abrangência da atividade humana os encoraja a ser interdisciplinares, no sentido de aprenderem a colaborar com antropólogos sociais, economistas, críticos literários, psicólogos, sociólogos etc. Os historiadores de arte, literatura e ciência, que costumavam buscar seus interesses mais ou menos isolados do corpo principal de historiadores, estão agora mantendo com eles um contato mais regular. O movimento da história-vista-de-baixo também reflete um a nova determinação para considerar mais seriamente as opiniões das pessoas comuns sobre seu próprio passado do que costumavam fazer os historiadores profissionais. (BURKE, 1992, p.18).

Nesse novo horizonte se encaixa a *História das mulheres* que Joan Scott afirma não ser apenas um “reflexo do crescimento da política feminista externa à academia”, mas está no cerne de um “estudo dinâmico na política da produção de conhecimento”. Ressaltando que o objetivo dos historiadores atualmente é “integrar as mulheres à história” de modo que elas não sejam apenas “acomodadas nas



histórias estabelecidas, mas que sua presença seja requerida para corrigir a história” (SCOTT; BURKE, 1992, p.63-96.).

### 2.3 DE QUEM É A MEMÓRIA?

O subtítulo da obra biográfica nos dá o primeiro indício sobre o quinhão de Frida no movimento pentecostal e nos direciona ao lugar no qual a acomodaram: “Uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil” (MORAES, 2014, p.1 grifo nosso). Aqui, duas escolhas nos chamam atenção, a adjetivação de Frida como “a esposa” e a referência a Gunnar como “o pioneiro”. Frida teve seu *chamado*<sup>32</sup> missionário ainda na infância<sup>33</sup> e formou-se enfermeira a fim de oferecer seus serviços à obra de Deus. Para isso, emigrou da Europa à América do Sul aos 26 anos, sozinha e solteira. Destarte, categorizá-la apenas como esposa do pioneiro é anular seu também pioneirismo e associar a manutenção de sua memória ao acaso do matrimônio, quiçá ao fato de ter sido “uma mulher de Deus<sup>34</sup>”.

A mulher brasileira do início do séc.XIX,

[...] era considerada a rainha do lar, mas em extremo paradoxo era súdita do homem e escrava de sua casa. Durante todo o período colonial brasileiro fora-lhe exigidos submissão, recato e docilidade. Seu papel era o de esposa e mãe, e sua tarefa era cuidar da casa, dos filhos e do marido. Ela não frequentava a escola, destinada exclusivamente aos homens, seu aprendizado se restringia à costura, bordado, culinária e, no caso das mais abastadas, também ao piano e à pintura. (ALMEIDA, 2014, p.188).

<sup>32</sup> “A chamada para as missões já era há tempos bem clara para ela. Começou então a se preparar para ser enviada pela Evangeliska Fosterlands-Stiftelsens (Associação Evangélica da Pátria). Para tanto fez um curso de oito meses no Svenka Bibel-Institutet (Instituto Bíblico Sueco), mantido pela Associação Evangélica da Pátria. Depois cursou enfermagem durante dois anos no Hospital de Vänersborg e cursou três meses numa Casa Infantil em Estocolmo.” (MORAES, 2014, p.24).

<sup>33</sup> No capítulo 3 trataremos sobre o conceito de vocação em Lutero.

<sup>34</sup> Uma referência à capa de sua biografia.

Almeida segue explicando que a educação dada à mulher era algo superficial, devia aprender somente o “necessário e adequado”. Cita um provérbio português que resume bem essa prática herdada do período colonial: “Uma mulher já é bastante instruída quando lê corretamente as suas orações e sabe escrever a receita da goiabada. Mais do que isso seria um perigo para o lar” (idem). Esse pensamento corrobora para compreendermos com mais lucidez o impacto que Frida causou nos seus anos de serviço missionário no Brasil, pois, mesmo que inicialmente a fé apostólica fosse desvinculada de um sistema denominacional<sup>35</sup>, em 1917 – quando a jovem chegou ao Pará – a congregação já estava sob a placa “Assembleia de Deus<sup>36</sup>” que, aos poucos, foi deixando o formato original sueco e se “abrasileirando”.

Alencar (2000, p.96) reforça esse *hibridismo cultural*<sup>37</sup>, pelo qual a Assembleia de Deus brasileira firmou-se, com um termo de Freston, situando-a num *ethos sueco-nordestino*<sup>38</sup>. Considera duas visões para essa analogia: a primeira sociológica, pelas afinidades eletivas do pentecostalismo com o coronelismo nordestino e suas “nuanças políticas e econômicas imbricadas desde sua herança na implantação das capitânicas hereditárias: um grande chefe, com poderes absolutos e um exercício vitalício.” (idem). A outra, teológica:

---

<sup>35</sup> “A adoção do nome *Assembléia de Deus* permanece uma incógnita. O grupo expulso da Igreja Batista adota o de *Missão da Fé Apostólica* e, esta igreja em seus primeiros sete anos, não tem nenhuma definição institucional - apenas cresce assustadoramente”. (ALENCAR, 2000, p.57).

<sup>36</sup> Mesmo que o registro oficial do nome só conste a partir de junho de 1918.

<sup>37</sup> “Nas últimas décadas do século vinte, Homi Bhabha provou ser um dos maiores responsáveis pela conceituação de *híbrido* na comunidade acadêmica de língua inglesa. Partindo de Bakhtin, Freud, Lacan, Derrida e Foucault para analisar o jogo de poder e o encontro entre colonizador e colonizado, Bhabha abandona a visão da sociedade e da cultura entrincheirada em dicotomias e posições antagônicas para defender um terceiro espaço ambivalente e fluido onde identidades e relações seriam construídas. Busca o termo *híbrido* em Mikhail Bakhtin [...] Para Bakhtin, hibridação vem a ser a mistura ou encontro de duas linguagens sociais diversas dentro do mesmo enunciado [...] cujo terreno discursivo mostraria uma duplicidade de vozes, sotaques, linguagens, consciências e épocas que ali colidem, negociam e proliferam (BAKHTIN.1981, p.358-60)” Segundo Bhabha, “[...] abre possibilidades para que grupos minoritários construam suas “visões de comunidade” e apresentem suas próprias versões de “memória histórica” (COSER, 2005, p.173).

<sup>38</sup> “A *Assembléia de Deus* tem um *ethos sueco-nordestino*. Começou com os nórdicos e passou para os nordestinos. Sem entender as marcas desta trajetória, não se entende a AD” (ALECAR, 2000, p.96).

Na Suécia eles não têm liberdade religiosa, já no Brasil, apesar da hegemonia católica, a Constituição do País os protege. Há inúmeras – e são muitas - citações, tanto teóricas (meros comentários ou “louvores”) como práticas, (no momento em que são presos e/ou perseguidos) do preceito constitucional da liberdade religiosa no Brasil. Os suecos se sentem um tanto deslumbrados com essa liberdade - o que não é pouco. Nisto o Brasil é bem superior ao país de origem dos missionários. Ora, a motivação é de origem política, mas a prática brasileira toma uma conotação dogmática teológica: os crentes devem louvar a Deus pelo governo. E apoiá-lo. (ALENCAR, 2000, p.101).

É necessário salientarmos que só a partir de 1932 as mulheres brasileiras tiveram parcialmente direito ao sufrágio, apenas mulheres casadas, viúvas ou solteiras com renda própria podiam votar. A “gratidão” pelo governo que permitia a liberdade de culto adotou o estilo de governar, sem mulheres em posição de liderança, o que diferia, e muito, do movimento pentecostal americano, onde as mulheres a exerciam.

Esse *ethos* também pode ser entendido pela vertente da política de imigração, uma vez que a região norte do Brasil em 1889 já recebia muitos imigrantes cearenses que fugiam da seca e da extrema pobreza, atraídos pelas promessas de abundância oriundas do látex. Esses imigrantes, de maneira geral, tomavam três rotas: áreas de agricultura, os seringais ou a permanência em Belém (LACERDA, 2006, p.197). Interessante essa leitura, quando relacionamos as cidades identificadas pela pesquisadora como “áreas voltadas para a agricultura ou área de seringais” com as regiões para as quais a missão da fé apostólica expandiu suas fronteiras no Pará e posteriormente no Brasil (MORAES, 2011, p.21-74).

Lacerda (2006, p.197-198) lista, entre outras cidades paraenses: São Miguel do Guamá, Bragança, Caraú, Turiassu (Bragança), Ourém, Viseu, Souzel, Santarém, Monte Alegre, Alenquer, Óbidos, Ilhas, Anajás, Santa Maria do Rio Anajás, Laguna (no Alto Anajás) e Rio Tajapurú. Ao observarmos a propagação do trabalho de evangelismo pentecostal encontramos registros como o dos seringueiros Manoel Luiz da Silva e Florêncio Luiz, convertidos em novembro de 1910, no seringal localizado no povoado Boca do Ipixuna, junto ao Rio Tajapurú. Segundo Araújo, eles foram fruto de uma visita de um mês e meio dos missionários Daniel e

Gunnar ao lugar. Manoel e Luiz foram os responsáveis pelo início da disseminação da mensagem pentecostal no Estado do Rio Grande do Norte, a partir de 1913 (MORAES, 2011, p.31). Gunnar Vingren registrou em um de seus diários:

Deus nos dirigiu para visitar outra vez o mesmo lugar onde se extraía borracha – aquele mesmo local que nós havíamos visitado assim que chegamos ao Brasil. O nome do lugar era Tajapurú. Depois da realização de alguns cultos ali, voltamos a Belém, mas deixamos naquele lugar um grupo de quarenta pessoas salvas e batizadas nas águas. [...] Nós nos reuníamos nas suas casas de palha à beira de diferentes rios, e ali realizávamos cultos. Especialmente aos sábados à tarde as pessoas vinham de diferentes lugares remando em canoas. Muitos deles remavam durante duas ou três horas para poder chegar. Começávamos os cultos nos sábados à noite e íamos até o amanhecer [...]. (VINGREN, 1987, p.53)

Dos cinco primeiros pastores brasileiros ordenados pelos missionários suecos, há registros relevantes para essa constatação: Isidoro Saldanha de Oliveira, que recebeu a primeira ordenação; cearense, da Freguesia da Amarração. Absalão Piano, também nordestino - nascido na cidade de Araújo, na Paraíba - foi ordenado em Tajapurú do Norte. Crispiniano Fernandes de Melo, sobre o qual Vingren escreveu ser trabalhador da borracha. Trajano Pinheiro que morou e trabalhou nas redondezas da Estrada de Ferro Belém-Bragança (que também era zona da borracha). E do quinto a receber ordenação, Adriano Nobre, cearense de Pacatuba, filho de seringueiros paraenses (MORAES, 2011, p.35-41).

Muitos convertidos migraram de volta para o nordeste ao final do ciclo da borracha e levaram consigo sua nova fé. Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Maranhão estão entre os primeiros estados a receber a mensagem pentecostal, não sem razão que explique tal fenômeno.

Além da influência nordestina, o Brasil, como um todo, ainda refletia a cultura e os costumes herdados dos europeus colonizadores. Retomando Rute Salviano (2014, p.191), o papel da mulher era “exclusivamente doméstico”, as mulheres de famílias ricas “eram servidas e viviam reclusas e guardadas”. Realidade contra qual lutavam as feministas liberais na Europa do mesmo período, onde também os mais

enfáticos defensores da democracia como, David Hume e Locke eram solidários a ideia de que o que cabia a mulher era o recato e a castidade. Rousseau (NYE, 1939; CAIXEIRO, 1995, p.20) afirmava que as mulheres eram “naturalmente mais fracas, apropriadas para reprodução, mas não para a vida pública”. Madame Staël, mulher, e legítima defensora do iluminismo francês, justificava as “deficiências” femininas “ao caminho que a natureza lhes traçou” e que, por conta disso, elas deveriam aceitar o destino que lhe fora traçado (NYE, 1939; CAIXEIRO, 1995, p.19).

Frida chega ao Brasil após uma breve estadia em Nova Iorque, parada obrigatória na viagem que seguiria à América do Sul (MORAES, 2014, p.32-36). Os EUA, naquele momento, recebiam um fluxo migratório nunca antes registrado, vindo de todas as partes da Europa. Fugiam da fome, das guerras ou de perseguições religiosas. Estima-se que 1,5 milhão só de nórdicos tenha migrado para esse país até o final do século vinte (MARINUCCI; MILESI, 2011, p.1-19) Nesse contexto, encontramos uma mulher que, segundo Alencar, pode ser a principal referência da missionária Strandberg, Aimee Semple McPherson:

No pentecostalismo norte-americano, despontava uma pregadora, musicista e escritora, que liderava um movimento que se transforma na *Igreja Evangelho Quadrangular*, Aimee Semple McPherson (1890-1944). [...] Quem no Brasil poderia ter acompanhado este fenômeno senão exatamente os missionários suecos, pois todos vinham da Suécia para o Brasil via EUA e, provavelmente, todos falavam inglês. [...] McPherson nasceu em 1890 e Frida, em 1891, portanto, um ano mais nova; McPherson morreu em 1944, Frida, em 1940; ambas são compositoras, pregadoras e escrevem em jornais, diferem, porém, no que diz respeito aos casamentos. Frida casou apenas uma vez, McPherson três. Frida conhecia seu ministério, lia seus textos e a admirava; tanto que no *Som Alegre, ano I, no. 3, fevereiro de 1930, há um texto de McPherson traduzido por Frida. Medidas as proporções, talvez, quisesse imitá-la.* (ALENCAR, 2009, p.78.)

Soma-se à possível influência de Aimee o fato de o movimento pentecostal nos EUA, e também na Suécia, contar com a ordenação de mulheres para liderança,

que, como já dissemos, não foi reproduzido oficialmente<sup>39</sup> na versão da missão pentecostal no Brasil. Frida era um total contraste à missão para a qual foi enviada.

## **2.4 DA MEMÓRIA PUBLICADA**

### **2.4.1 A BIOGRAFIA**

#### **a) Sobre as escolhas gramaticais**

O caput do primeiro capítulo propõe tratar do período de 1891 a 1915: “Nascimento - Infância e adolescência na igreja luterana – Visões da chamada missionária na juventude – Preparação para o campo missionário – Formação bíblica – Enfermagem e trabalho no hospital” (MORAES, 2014, p.15) Dos 22 parágrafos que compõem o capítulo, apenas cinco tratam de acontecimentos ligados diretamente à Frida. Sua infância, adolescência e juventude, bem como suas experiências espirituais nesse período, foram resumidas no trecho:

“Ao logo dos anos de infância e adolescência, Frida sentia por meio de revelações e visões a chamada de Deus para trabalhar em sua obra. Chegou à juventude. Em casa, Frida sofreu uma grande perda. Sua mãe, Kristina, faleceu.” (MORAES, 2014, p.15-18)

Oito parágrafos discorrem sobre a situação do movimento pentecostal sueco e da igreja Batista naquele momento e, nove, são dedicados exclusivamente às atividades de Gunnar “enquanto Frida vivia sua juventude na Suécia.” (MORAES, 2014, p.19)

---

<sup>39</sup> No capítulo 3 discutiremos alguns artigos de Frida relacionados ao trabalho evangelístico das mulheres na missão brasileira.

Sempre que é necessário relacionar Frida a uma função “masculina”, opta-se pela utilização do plural masculino em detrimento do singular feminino. Por exemplo, se Frida foi uma colaboradora ao lado dos pastores auxiliares, opta-se por “Frida também foi um dos colaboradores” (MORAES, 2014, p.65 grifo nosso). Se ela foi uma pregadora ativa nos trabalhos evangelísticos, a escolha também generaliza: “Frida era um dos pregadores mais ativos nesses trabalhos evangelísticos” e acrescenta-se “ao lado de seu esposo, e de dois jovens evangelistas: Paulo Leivas Macalão e Sylvio Brito” (MORAES, 2014, p.81 grifo nosso).

Outra característica, um pouco mais sutil em todo o texto, está relacionada às escolhas sintáticas que modalizam e reforçam causas, concessões e condicionalidades a algumas funções de liderança exercidas por Frida. Destacaremos alguns apenas para amostragem:

Frida passou a ter a função de redatora das seções “Na Seara do Senhor” e “Breves Menções” no *O Som Alegre*. Ela, possivelmente, foi quem cuidou do fechamento e da impressão da primeira edição durante a quinzena de novembro para que o jornal circulasse no mês seguinte, visto que Vingren viajou no dia 18 de novembro e só retornou ao Rio de Janeiro 28 dias após. (MORAES, 2014, p.104 grifo nosso).

A conjunção “visto que” modaliza toda a primeira informação, justificando-a como uma causalidade. Ou seja, nesse caso, Frida foi possivelmente responsável pelo fechamento e impressão da primeira edição do periódico por causa da viagem de Vingren.

Num outro trecho observamos: “Na ausência de Vingren, a liderança da igreja do Rio de Janeiro ficou a cargo de Frida, auxiliada pelos obreiros da época” (MORAES, 2014, p.114 grifo nosso). A ‘ausência de Vingren’ foi a condição para a liderança de Frida, “o auxílio dos obreiros” um reforço à excepcionalidade de uma mulher ocupar tal cargo.

Para Bakhtin toda transmissão, particularmente sobre a forma escrita, tem seu fim específico

[...] leva em conta uma terceira pessoa – a pessoa a quem estão sendo transmitidas as enunciações [...] essa orientação para uma terceira pessoa é de primordial importância: ela reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso [...] (BAKHTIN, 1997, p.146).

Ou seja, as escolhas gramaticais do autor refletem por toda a obra biográfica a ênfase do que é razoavelmente tolerável ao arquétipo de mulher pentecostal que se quer perpetuar. Citamos apenas alguns exemplos porque entendemos que este tópico é parte da análise e não seu principal objetivo.

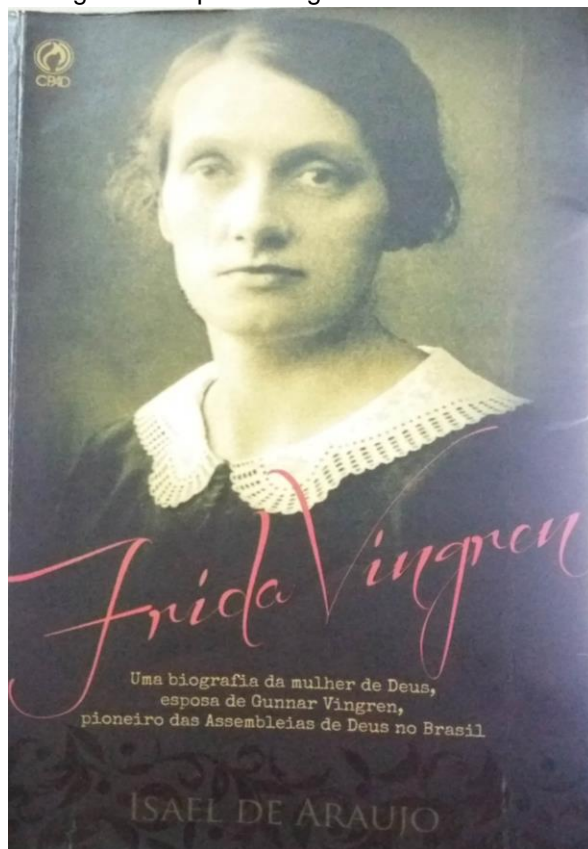
## **b) Sobre as escolhas imagéticas**

Para ratificar e compreender as escolhas gramaticais anteriormente pontuadas, escolhemos agora observar as imagens selecionadas para compor a biografia publicada. Imagens que corroboram com a manutenção da memória coletiva, construída.

Essa negociação entre o choque de um acontecimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória poderia bem, com efeito, colocar em jogo a nível crucial uma passagem do visível ao nomeado, na qual a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar: tocamos aqui o efeito de repetição e de reconhecimento que faz da imagem como que a recitação de um mito. (PÉCHEUX, 1985 apud NEKEL, 2003, p.4).



Figura 8: Capa da biografia de Frida.



Fonte: MORAES, 2014.

A capa da biografia sintetiza o padrão de mulher a ser seguido. Se há um ícone feminino numa comunidade em que o poder é exclusividade masculina, é necessário que este “não-lugar” seja justificado. Frida foi uma mulher de Deus, mas, mais do que isso, foi esposa do pioneiro Gunnar Vingren. Max Weber, olhando para esta capa, provavelmente reconheceria nessa descrição e na própria imagem da missionária a *ascese intramundana* das primeiras seitas anabatistas, que buscava a imitação da vida exemplar da primeira geração de cristãos (WEBER, 1920, p.132).

A justificação de Frida, portanto, tendo em vista que sua vida não poderia ser apagada completamente, já que foi esposa do “ícone” fundador da instituição, nos auxilia a compreender o motivo pelo qual Scott (1992, p.67) afirma que a história das mulheres “é sempre uma narrativa política”. Nesse caso, o próprio discurso institucional é o recurso, a “manobra tática” para manutenção não só da memória

coletiva, mas das identidades coletivas (SCOTT, 1992, p.67). Frida passa de uma extremidade à outra, de marginalizada e silenciada à mulher exemplar, numa nítida (re) construção de sua identidade individual aos moldes do considerado “prudente e útil” (NYSTRÖM, 1941 *apud* MORAES, 2014, p.179) para uma mulher pentecostal.

Figura 9



Fonte: MORAES, 2014, p.21

Figura 10



Fonte: MORAES, 2014, p.43

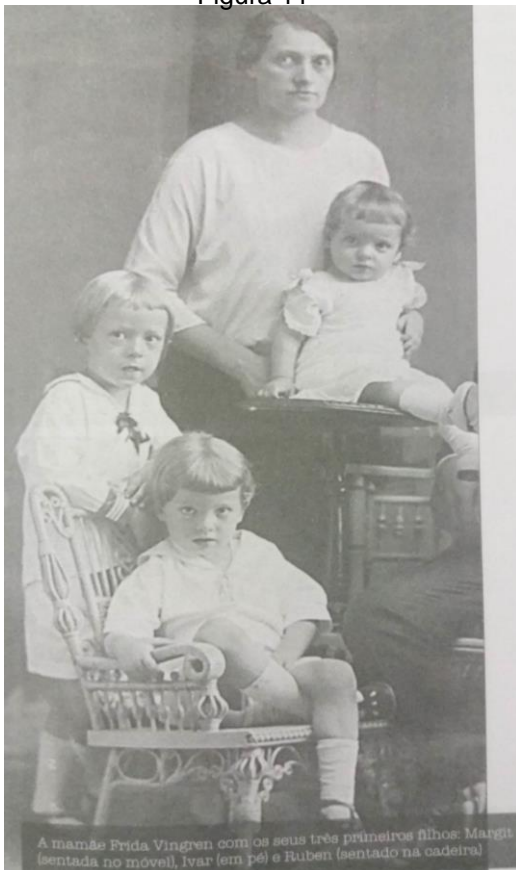
No primeiro capítulo - quando Isael discorre que “enquanto Frida vivia sua juventude na Suécia, Gunnar Vingren já havia sido ordenado pastor pela convenção batista sueca nos Estados Unidos” (MORAES, 2014, p.19) – encontramos a imagem da “jovem Frida Maria Strandberg<sup>40</sup>” (e a última vez que seu nome de solteira é citado na obra). Mas, o que nos chama atenção é a continuação da descrição: “que conheceria o missionário Gunnar Vingren na Suécia e se tornaria sua esposa no Brasil” (MORAES, 2014, p.21). Dois capítulos antes de tratar do casamento dos missionários, o autor ratifica a importância dela diretamente ligada ao matrimônio.

<sup>40</sup> Figura 9.

[...] a mulher não deve ter esperança de escapar da desgraça do amor ao competir com a ambição masculina. Ela deve, com todos os seus perigos, estar contente em ser amada. Ela é irrevogavelmente dependente, e nada a pode livrar do controle dos homens [...] (STAËL *apud* NYE, 1995, p.21)

Frida e Gunnar casaram em solo paraense alguns meses após a chegada dela à Belém. No rodapé da figura 10, Moraes se refere novamente à missionária como “a jovem Frida” e ao noivo como “o missionário Gunnar” (MORAES, 2014, p.43 grifo nosso) A partir de agora Frida deixa, definitivamente, de ser a missionária vocacionada que atravessou oceanos para cumprir seu chamado, e passa à esposa do pioneiro.

Figura 11



Fonte: MORAES, 2014, p.69

Figura 12



Fonte: MORAES, 2014, p.70

Figura 13



Fonte: MORAES, 2014, p.93

As figuras 11, 12 e 13 são parte das 28 imagens, de um total de 66<sup>41</sup>, nas quais Frida aparece em sua função materna ou em atividades ligadas ao lar. Não queremos minorar essa parte de sua memória, mas interessa-nos refletir acerca do silenciamento constante de suas outras atividades, reforçado pela excessiva rememoração de sua maternidade. Podemos perceber isso não só nas imagens, mas nas descrições que as acompanham, como por exemplo: “A mamãe Frida Vingren com os seus três primeiros filhos” (rodapé da figura 11 grifo nosso), “Frida no navio, à caminho do Rio de Janeiro, cuidando de sua filha Margit (rodapé da figura 12 grifo nosso)”, “Frida, em sua casa no Rio de Janeiro, junto à suas crianças” (rodapé da figura 13 grifo nosso). “O discurso não é um conjunto de textos, é uma prática. Para se encontrar sua regularidade não se analisam seus produtos, mas os processos de sua produção” (ORLANDI, 2001, p.54).

---

<sup>41</sup> A obra biográfica contém 66 imagens, dentre as quais há também alguns artigos de Frida, além de lugares e eventos importantes.

Figura 14



Fonte: MORAES, 2014, p. 128.

Essa é uma imagem muito representativa. Frida escreveu para quatro jornais denominacionais oficiais, *Boa Semente*, *Som Alegre* e o *Mensageiro da Paz*, no Brasil e o *Evangelii Hårold*, da Suécia. Em 1930, torna-se redatora principal do *Mensageiro da Paz*, que nasce da união dos dois primeiros. Em mais de 100 anos, foi a única mulher comentarista das *Lições Bíblicas*, que ainda é o material usado nacionalmente nas EBDs<sup>42</sup>.

Apesar de toda a importância intelectual de Frida para o movimento pentecostal no Brasil, essa é a única imagem - das que compõem a biografia - em que Frida aparece no “local de trabalho”, na editoração do *Mensageiro da Paz*, do qual Vingren era o editor chefe (mesmo que, por suas inúmeras enfermidades, produzisse bem menos que a mulher). Frida aparece ao lado do marido e de outro colaborador, “do jeito que deve ser”.

---

<sup>42</sup> Escolas Bíblicas Dominicais.

## 2.5 OUTRAS MEMÓRIAS

### 2.5.1 Gunnar Vingren

A admiração de Gunnar pela mulher que Frida era ia além do nepotismo, ele via e encorajava sua vivacidade e fé. Era um homem participativo nas atividades domésticas e confiava em Frida para assumir suas atividades religiosas, não porque não havia quem o fizesse, mas porque sabia que ela era totalmente capacitada para tal (DANIEL, 2004, p.34).

No dia 1º de maio de 1926, sábado, Vingren ficou acordado toda a noite ajudando Frida, pois ela esperava dar à luz uma criança. No domingo, às 7 horas e 5 minutos, nasceu o menino Bertil. O trabalho de parto foi auxiliado pela parteira Alzira da Costa, diplomada pela Faculdade de Medicina do rio de Janeiro. Depois, Frida e o bebê ficaram aos cuidados de Vingren. (MORAES, 2014, p.83)

Tal comportamento não era agradável aos olhos de seus conterrâneos suecos, muito menos dos pastores brasileiros. Em setembro de 1929, Vingren pregou sobre dons espirituais e sobre o direito da mulher falar na igreja, o que trouxe reações logo no dia seguinte. O missionário recebeu uma carta de Samuel Nyström, que desde 1923 era pastor da Assembleia de Deus em Belém; a carta continha críticas e ameaças quanto à postura de Vingren (MORAES, 2014, p.102). Dois meses depois, Samuel foi pessoalmente ao encontro de Gunnar, mas “não se humilhou e continuou sustentando que a mulher não podia pregar nem ensinar, só testificar” (MORAES, 2014, p.104).

Insatisfeito com a não concordância de Vingren concernente ao papel da mulher, Nyström, em São Paulo, une forças à Simon Lundegren e Daniel Berg, volta à Belém na companhia deles para mais uma tentativa frustrada de convencê-lo:

Chegaram Samuel, Simon e Daniel. Samuel não se humilhou. Separamo-nos em paz, mas para não trabalhar mais juntos, nem com o jornal ou nas escolas bíblicas, até o Senhor nos unir. Simon disse que ficava de fora, e Daniel tinha convidado Samuel para trabalhar em São Paulo [...] estamos separados. (MORAES, 2014, p.104).

Vingren manteve sua decisão e lançou um novo jornal, *O Som Alegre*, do qual Frida foi redatora de duas sessões e revisora de edições. Essa crise ideológica ocasionaria a chamada da convenção de 1930, que de acordo com entrevista colhida por Gedeon (2000, p.104) à sua dissertação - um pastor da época respondeu-lhe “rispidamente” sobre o porquê de Frida ser a única mulher entre 10 homens na foto da convenção -: “Mas, a convenção de 30 aconteceu por causa dela!”.

Figura 15



Fonte: MORAES, 2011, p.287.

Um pouco antes da convenção, Vingren escreveu uma carta para Samuel Nyström, justificando a necessidade de um melhor aproveitamento do trabalho das

mulheres e sua liberdade de atuação, numa nova tentativa de convencer o conterrâneo a concordar com o ministério feminino (MORAES, 2014, p.113). O corpo da carta nos mostra que Vingren tinha motivos pessoais, externos a seu relacionamento com Frida, para defender o trabalho efetivo de mulheres:

Deus é testemunha de que o meu único desejo é que o espírito Santo possa ter o seu caminho, o seu próprio caminho neste país, e que esta gloriosa obra divina possa continuar da mesma forma que começou. Não posso deixar de apresentar a minha convicção de que o Senhor chamou e ainda está chamando homens e mulheres para o serviço do evangelho, para ganhar almas e testificar do seu amor. Sei que todos nós, juntos no Céu, nos alegraremos um dia pelas almas que ganhamos para Jesus durante a nossa vida. Eu mesmo fui salvo por uma irmã evangelista que veio visitar e realizar cultos na povoação de Björka, Smaland, suécia, há quase trinta anos. Depois veio uma irmã dos Estados Unidos e me instruiu sobre o batismo com o Espírito Santo. Também que orou por mim para que eu recebesse a promessa foram irmãs. Eu creio que Deus quer fazer uma obra maravilhosa neste país. Porém, com o nosso modo de agir, podemos impedi-la. Para não impedi-la, devemos dar plena liberdade ao espírito Santo para operar como Ele quiser. (MORAES, 2014, p.113 grifo nosso).

Não houve resposta amistosa, mas a opinião de Nyström quanto ao ministério das mulheres veio oficialmente na decisão homologada ao final da já referida convenção de 1930, em que ficou decidido que a mulher poderia dar testemunhos, mas que não se considerava justo que uma irmã tivesse a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora [...] isso deveria acontecer somente quando não existisse na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar (MORAES, 2014, p.121).

### **2.5.2 Lewi Petrus**

A história oficial conta que por conta do agravamento das enfermidades de Gunnar, dois anos após a convenção de 30 os dois missionários e seus filhos voltaram para Suécia. É possível que o desgaste trazido pelas acusações à Frida



tenha colaborado com esse quadro de saúde. Após a perda do marido, em junho de 1933, na Suécia, Frida tentou inúmeras vezes voltar ao Campo missionário brasileiro ou para a missão instituída em Portugal. No entanto, nunca foi autorizada pelo pastor da Missão Sueca, Lewi Petrus. Ele entendia que enviar uma mulher viúva, com cinco filhos, de volta ao campo missionário era uma “irresponsabilidade” (MORAES, 2014, p.171). Após alguns anos de tentativas frustradas, possivelmente deprimida<sup>43</sup>, adoeceu, e foi internada em hospitais sanatórios por seis anos. Seus filhos ficaram aos cuidados de famílias da Igreja e, posteriormente, recolhidos à hospedaria missionária da Filadélfia de Stocolmo. Por algum tempo não pôde ver os filhos<sup>44</sup>. Em setembro de 1940, após sucessivas internações, morreu com diagnóstico de câncer no estômago (MORAES, 2014, p.172-180). Discutiremos no próximo capítulo mais detalhes nas entrelinhas dessas internações e de sua morte.

O que nos cabe por agora é que Frida morreu num domingo e, no dia seguinte, durante um culto na Igreja, o Pastor Lewi Petrus não fez nenhum pronunciamento sobre sua morte e, apenas ao final, quando todos já estavam se levantando para sair, ele disse: “Ontem, a senhora Frida Vingren faleceu” (MORAES, 2014, p.178).

Depois de 16 anos de trabalho missionário, de toda sua produção intelectual e porque não dizer “braçal”, dentre as quais, artigos, hinos, poesias e inúmeros partos e atendimentos a doentes no Brasil, sua morte foi informada ao final de um culto, sem nenhuma expressão de luto e sem nem ao menos ser reconhecida como “missionária”.

### **2.5.3 O memorial**

Considerando os supracitados argumentos, ratificamos que a biografia de Frida foi a maneira “palpável” que encontramos para tratar de especificidades de nosso trabalho de campo, dentre as quais elencamos o ‘trabalho de gabinete’,

---

<sup>43</sup> Discutiremos a questão de sua saúde mental no capítulo 3.

<sup>44</sup> Crianças não tinham permissão para entrar em hospitais.

exclusivamente com fontes documentais, pelas quais enveredamos a caminhada nas 'entrelinhas'.

Entendemos entrelinhas, nesta pesquisa, todo o subtendido, o que foi sutilmente, mas não explicitamente falado/escrito, o que foi apagado, silenciado ou propositalmente esquecido. Nas escolhas lexicais, gramaticais e organizacionais, é possível identificar representações construídas e que muitas vezes passam despercebidas, especialmente numa leitura descompromissada ou feita por sujeitos expostos à mesma realidade discursiva do autor.

Segundo Geertz, os símbolos sagrados têm a capacidade de estabelecer padrões sociais e estéticos, que são assumidos pelo indivíduo enquanto realidade. Este estabelecimento dá a idéia eterna para o grupo, a tal ponto que essas realidades depois de objetivadas, passam a fazer parte da cosmovisão dos sujeitos sociais. Esse processo é estabelecido na dinâmica do tempo e na capacidade que a religião tem de estabelecer "suas realidades" sobre o corpo dos sujeitos religiosos. Ele se dá desde a "chegada ao mundo". É o que consideramos como processo de socialização. (ECCO, 2008, p.94)

Trabalhamos no campo das entrelinhas porque documentos são registros, vestígios da história de indivíduos, de sociedades e de relações de poder. Documentos são verdades de um lado ou de outro da 'moeda' e sempre resultado das interdições que sofreram. Documentos representam discursos e, "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta. O poder do qual nos queremos apoderar" (FOUCAULT, 1996, p.10). Portanto,

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, das sociedades que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz deve ser em primeiro lugar analisado, desmitificando-lhe o seu significado aparente. O documento é

monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. Os medievalistas, que tanto trabalharam para construir uma crítica – sempre útil, decerto – do falso, devem superar essa problemática, porque qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro – incluindo talvez sobretudo os falsos – e falso, porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos. (LE GOFF, 1996, p. 538)

No caso de nosso objeto de estudo, o que ficou como monumento<sup>45</sup>, como memorial<sup>46</sup>, são os bustos dos pioneiros, é o nome de Gunnar Vingren. Na história, um casal. Na representação “do quarto do pioneiro”, uma cama de solteiro que paradoxalmente tem ao lado uma penteadeira com a foto “dos Vingren” num porta-retratos. De Frida, apenas uma máquina de costura, doada ao museu pelo filho Ivar. Na fala do autor, entrevistado sem gravações, a justificativa da publicação institucional: o “crivo da CGADB<sup>47</sup>”. E, sobre os diários que Frida poderia ter deixado, a informação de que foram queimados, pelos próprios filhos, por “conterem muitas mágoas, das quais eles não gostariam de lembrar”.

Figura 16



Fonte: arquivo pessoal

Figura 17



Fonte: arquivo pessoal

<sup>45</sup> De acordo com Paul Zumthor, o que transforma o documento em monumento é a sua utilização pelo poder (LE GOFF, 1924, p.545).

<sup>46</sup> O *Memorial Gunnar Vingren* está localizado na cidade do Rio de Janeiro, na sede da CPAD. As figuras de 16 a 20 foram feitas na visita para coleta de dados.

<sup>47</sup> Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil.

Figura 18: Fachada do Memorial G.Vingren, RJ.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 19: Máquina que pertenceu à Frida.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 20: Representação do *quarto do pioneiro*, no Memorial Gunnar Vingren, RJ.



Fonte: Arquivo pessoal.

## CAPÍTULO 3

### ESCRITOS DE SI

#### 3.1 VOCAÇÃO

No primeiro capítulo da biografia publicada de Frida fala-se superficialmente de suas experiências religiosas durante a infância e adolescência. Moraes (2014, p.15-17) envolve a criação da menina Frida Maria Strandberg, filha dos luteranos Jonas Strandberg e Kristina Margareta Sundelin, em um ambiente tradicionalmente protestante. No entanto, a jornalista Kajsa Norell nos dá informações mais detalhadas sobre a família de Frida que, destoam em alguns momentos, da família equilibrada descrita pelo biógrafo.

[...] Apesar de o pai não ter sido muito religioso, Frida começou a frequentar uma escola bíblica evangélica para crianças, próxima à sua casa [...] Aos quatorze anos perdeu sua mãe, aos 17 anos, foi expulsa de sua casa pela quarta esposa do pai, que era somente quatro anos mais velha do que ela. Neste momento, Frida começou a trabalhar como empregada doméstica na casa de uma família ao norte da Suécia. Em 1915, aos 24 anos, torna-se oficialmente parte da Associação Evangélica da Pátria, um movimento de renovação surgido na igreja luterana sueca (VILHENA, 2016, p. 61).

Ao pensar na sua formação intelectual inicial, ambos os autores concordam que Frida, em algum momento, seja na infância (como defende Moraes) ou apenas na fase adulta (como acredita Norell), compartilhou dos ideais luteranos, uma vez que a própria Associação Evangélica da Pátria nasce dentro da igreja luterana.

Moraes (2014, p.15) afirma que Frida já sentia por meio de visões e revelações, nos anos da infância e adolescência, a “chamada de Deus para trabalhar em sua obra”. Norell (VILHENA, 2016, p. 61), nos remete ao fato de que, na Suécia, as

missões abriam espaço para que as mulheres viajassem para o exterior e que isso “ajustava-se bem à personalidade autônoma de Frida”. Na tentativa de manter a coerência neste trabalho, que observa seu objeto em suas variadas facetas humanas, optamos por utilizar as duas possibilidades de seu “chamado” como explicações convergentes, considerando o (a) próprio (a) *conceito/concepção*<sup>48</sup> de vocação em Lutero.

Na tradução luterana da bíblia, a palavra alemã *Beruf* foi usada pela primeira vez num texto do eclesiástico, no mesmo sentido que hoje se conhece, de “vocação profissional”, segundo Weber (1920, p.72), um produto da reforma.

[...] Uma coisa antes de mais nada era absolutamente nova: a valorização do cumprimento do dever no seio das profissões mundanas como o mais excelso conteúdo que a autorrealização moral é capaz de assumir. Isso teve por consequência inevitável a representação de uma significação religiosa do trabalho mundano de todo dia e conferiu pela primeira vez ao conceito de *Beruf* esse sentido [...]. (WEBER, 1920, p. 72).

Nessa concepção, encontramos a formação inicial de Frida, a enfermagem. Formou-se pelo Hospital de Vänersborg, trabalhou numa Casa Infantil em Estocolmo e foi chefe da seção de enfermagem do Hospital Sabbatsbergs. Paralela a essa formação, Frida preparava-se missionária/ensinadora no Instituto Bíblico Sueco, mantido pela Associação Evangélica da Pátria. (MORAES, 2014, p.24).

Para compreensão de contextos posteriores nesta pesquisa, é importante lembrarmos que nesse período, na Suécia, as mulheres tinham liberdade no movimento pentecostal, eram “apresentadas lado a lado com os homens, como palestrantes, todos eram chamados de “testemunhas do Senhor<sup>49</sup>” (MORAES, 2014, p.28).

Frida, por sua chamada divina ou pelo aprendizado luterano adquirido, entendia que enclausurar seu chamado aos seminários, a uma vida totalmente reclusa do mundo, como os monásticos, era “evidentemente sem valor para justificação perante

<sup>48</sup> Na edição de 1920 de, A ética protestante e o espírito do capitalismo, Weber troca o *conceito* por *concepção*. (PIERUCCI, 2004, p.71).

<sup>49</sup> “testemunhas”, significava pregadores, tanto homens quanto mulheres. (MORAES, 2014, p.28).

Deus, mas também uma egoística falta de amor” (WEBER, 1920, p. 73). O que para Norell parecia apenas uma válvula de escape bem ajustada à “personalidade autônoma de Frida”, para a jovem sueca, talvez, fosse a “autorrealização moral” professada por Lutero, que reconhecia que

[...] o único meio de viver que agrada a Deus não está em suplantiar a moralidade intramundana pela ascese monástica, mas sim, exclusivamente, em cumprir com os deveres intramundanos, tal como decorrem da posição do indivíduo na vida, a qual, por isso mesmo, se torna a sua ‘vocação profissional’. (WEBER, 1920, p. 72).

Figura 21



Fonte: MORAES, 2014, p.22

Além da enfermagem, outros talentos lhe eram comuns, como a música, a poesia, a fotografia e o jornalismo. Seu filho mais velho, Ivar, declarou a Moraes, durante uma entrevista, o que também Samuel Nyström noticiou na edição da 2ª quinzena de *O Mensageiro da Paz* (após a morte da missionária), que Frida tinha o

sonho de escrever um livro, mas que o tempo e os muitos afazeres não permitiram que ela realizasse esse desejo.

A irmã Frida tinha muitos talentos naturais, além dos que o Senhor especialmente lhe concedeu. Tinha facilidade de aprender, assimilar e de se expressar, além disto retinha sua originalidade; tanto a sua linguagem falada como escrita, tinha simplicidade e clareza, e sabia cativar os que a ouviam. Deixou um bom número de hinos de valor, no nosso hinário; o seu desejo, era tornar-se escritora, mas o lar, os filhos e, além disto, o trabalho ativo no evangelho ao lado do marido, deixavam-lhe pouco tempo para um trabalho maior, neste sentido [...] (MORAES, 2014, p. 179).

Frida exerceu o *trabalho mundano* como “expressão exterior de amor ao próximo”, o fez porque, para ela, não havia diferença entre o ser missionária e o ser parteira, enfermeira, musicista, poetisa, redatora de jornais, mãe ou esposa. Para Lutero, essa plenitude era “a única via de agradar a Deus em todas as situações [...] por isso, toda profissão lícita simplesmente vale muito e vale igual perante Deus.” (WEBER, 1920, p. 73). Na publicação de nº 4 de *O mensageiro da paz*, Frida define sua vocação. Ela não desejava o que o ‘cargo’ poderia oferecer, mas o que ela poderia, de si mesma, ofertar ao próximo.

A palavra *pastor* é simplesmente uma expressão do caráter da sua missão [...]. Muitos pensam que a consagração é que faz o pastor. É um erro – esta é, unicamente, uma confirmação da vocação de Deus, é um auxílio, para diante da lei social, poder exercitar as funções de um ministro evangélico. Nós somos muito aptos para olhar as coisas exteriores; Deus, porém, olha o interior. O que o faz pastor é, primeiramente, a vocação divina, e depois o ‘dom’. Não um dom natural, de palavra, mas um dom espiritual, dado pelo Espírito Santo. [...] E para que serve o título sem possuir a realidade? É preferível, então, ter a realidade sem o título [...] todos os pastores prestarão conta, diante de Deus, o sumo pastor, por todas as almas [...]. (*Mensageiro da Paz*, ano I, n.4, 1930, p. 3).



### 3.2 PRIMEIRAS IMPRESSÕES

[...] Nossa visão está continuamente ativa, continuamente em movimento, continuamente captando coisas num círculo à sua própria volta, constituindo aquilo presente para nós do modo como estamos situados. (BERGER, 1972, p.11).

Frida foi imigrante no Brasil por dezesseis anos, desses, sete em solo paraense. O que ela viu sobre a cultura, o papel da mulher e a religiosidade do povo, por exemplo, deixa-nos a impressão de que estamos presenciando a cena, tamanho cuidado e detalhes observados. Das cartas que enviava à Missão sueca, escolhemos trechos de duas, bem representativas para o contexto desta pesquisa. Na primeira, a missionária trata de aspectos referentes ao trabalho feminino, na outra, descreve o Círio de Nazaré, festa tradicionalmente católica, que ainda hoje, percorre em procissão as ruas de Belém no mês de outubro.

#### a) Sobre a mulher e o trabalho doméstico

Lacerda afirma que, desde o final do séc. XIX, apesar do processo de remodelação, a cidade de Belém “ainda tinha uma área muito grande, cercada por igarapés e, muitas casas eram inclusive cobertas de palha, as chamadas “barracas”, em ruas de chão batido, ou alagadiças, sem nenhuma infraestrutura” (2006, p.201). No capítulo inicial desta dissertação, quando analisamos a primeira carta de Frida, escrita em julho de 1917, percebemos que a imigrante hospedou-se em uma dessas insalubres ruas; agora, em outra correspondência, ela continua descrevendo a cidade, mas preterindo seu olhar às mazelas humanas, com maior atenção as das mulheres que a rodeiam.

Os pobres fazem suas próprias casas, uma cabana muitas vezes sem bens móveis e utensílios domésticos, a comida consiste de farinha misturada com um molho ou com peixe. As crianças são banhadas todos os dias, colocadas em uma pia, em seguida, a mãe com uma tigela vai derramando água sobre ela. Isso é repetido várias vezes por dia, mesmo quando elas são muito pequenas. (Jornal Evangelii Hårold, 1918, nº 42, p.3 tradução e grifo nossos).

A palavra sueca *koja* é geralmente traduzida para o português como cabana. No entanto, podemos afirmar que a missionária referia-se a uma *palhoça*, pelo que também registra a pesquisadora Karol Soares sobre as casas dos subúrbios belenenses:

A construção das casas populares era feita com métodos e sistemas coloniais, considerados um atraso para a paisagem urbana moderna de Belém. Na construção dessas casas, eram utilizados vários tipos de materiais, como, por exemplo, o barro nos diferentes tipos de taipa, a madeira e também materiais improvisados, como papelões, sacas de alimentos, além de “muitas barracas cobertas de palha e fechadas ou com tábuas de caixas de querosene, de batatas, ou com folhas de latas cortadas” ou de materiais que estivessem a seu alcance, retirados alguns deles de depósitos de lixo. Contudo, todos esses materiais eram considerados insalubres e anti-higiênicos, visto serem materiais com pouca durabilidade, e, por isso mesmo, perecíveis, além de promover grande concentração de umidade na casa. Por estes motivos, as casas populares eram construídas com o saber-fazer de seus moradores, utilizando-se no seu modo de construir, métodos que foram passados por seus familiares. Além do que, eles valiam-se de materiais que fossem encontrados de forma mais abundante na região, daí, a grande utilização de barro, madeira de paxiúba e palhas utilizadas em suas construções. [...] A maioria de barracas e palhoças estava situada em bairros menos nobres, tidos como de operários, como Cremação, Umarizal e São Braz. (SOARES, 2006, p.222-223 grifo nosso).

A descrição de Frida vai ao encontro dos registros históricos do período. Os pobres faziam suas próprias casas que eram lugares, quase sempre, sem móveis e utensílios domésticos, a alimentação, não raramente, era também produto de plantações para subsistência, como é o caso da farinha, ou adquirida por meio do

que a natureza poderia oferecer, como os peixes, já que ainda existiam muitos igarapés pela cidade.

Figura 22



Fonte: SOARES, 2006, p. 222.

Figura 23



Fonte: SOARES, 2006, p. 222.

Outro grifo é com relação a mulher, notamos que os repetidos banhos das crianças são dados pela mãe, o que nos levaria, num primeiro momento, a pensar que essa mulher não se ausentava da casa no decorrer do dia. Mas, em outro trecho, um pouco mais adiante, a observadora nos ajuda a desfazer essa premissa, fazendo uma comparação entre as mulheres do “continente” e das “ilhas”. Podemos entender essa cisão, que é também espacial, além de social, de duas maneiras: a primeira, que Frida estaria referindo-se à divisão física entre as porções secas/higienizadas de Belém - que passaram pelo processo de aterramento - e os “pântanos”, bairros alagadiços da cidade e sem nenhuma infraestrutura, dos quais tratamos por meio de Lacerda (2006, p.205-206) no capítulo 1 deste trabalho. A outra hipótese é que ela estivesse tratando do contraste entre a cidade e suas ilhas vizinhas, como as da extensão do Rio Tajapurú, por exemplo, que também eram visitadas pelos missionários.

Independente de qual das duas situações Frida escreveu, importa-nos o que ela nos esclarece sobre essas duas classes de mulheres:

Os casamentos acontecem cedo, aos 14-16 anos de idade. No continente e sobre as ilhas, onde as mulheres trabalham mais, as condições são diferentes. Elas têm sua 'rossa'<sup>50</sup>, como o homem queimam o mato, elas dizem que é de onde sai arroz, feijão, etc.. Mais trabalho com a preparação de Farinha, cana-de-açúcar, tabaco e café e também participam da despesca e da coleta da borracha. (Jornal Evangelii Hãrold, 1918, nº 42, p.3 tradução e grifo nossos).

Eles são amigáveis e hospitaleiros. Se um estranho vem visitar, eles imediatamente o convidam para o café. Café preto, em um copo pequeno. Agora vamos fazer uma visita à cabana. É escuro lá dentro, não há janelas. Em um canto, no outro extremo da sala, há uma mulher no chão, ao lado dela, envolto em trapos, uma criança de três dias de idade, em outro canto, uma pequena criança nua, comendo Farinha e roendo um osso. Um nítido contraste com o luxo que prevalece entre os ricos. (idem).

Sobre os casamentos, Barroso (2010, p.10) nos informa que, até 1916 a única forma legal de casamento civil no Brasil era regulada pelo Decreto nº 181 e previa a idade mínima de casamento para homens e mulheres como sendo, respectivamente, 16 e 14 anos. No ano em que Frida chegou ao país, 1917, entra em vigor um novo Código Civil, que, segundo o mesmo autor, não trouxe muitas modificações, as idades mínimas de casamento aumentaram, sendo 18 anos para os homens e 16 anos para as mulheres.

As pobres viviam uma realidade completamente diferente das nobres. Precisavam se expor, eram lavadeiras, vendedoras, empregadas domésticas, donas de sua casa e de sua realidade cotidiana. As moças da classe abastada vestiam-se de tecidos finos e desfilavam com suas sombrinhas protegendo suas peles delicadas do escaldante Sol do Norte do país. Mas, as trabalhadoras, andavam desacompanhadas, frequentavam banhos públicos e carregavam cestas de roupas sobre as cabeças.

Há uma série, diferentes tipos de mulher brasileira. Algumas sorridentes, graciosas, amorosas, outras rasgadas, sujas, fumando um cachimbo. Encontramo-las principalmente em casas, mas também em alguns dos negócios de moda urbana. Além disso, mulheres trabalham como costureiras, professoras e enfermeiras. Essas

---

<sup>50</sup> Mantida a grafia original. Pelo som da palavra, a observadora deve ter suposto fosse escrita com "ss".

últimas pertencem à ordem de S. Antonio e S. Francisco<sup>51</sup>, os níveis de valores de saúde estão dentro dessas ordens, eu não concordo. [...] uma mulher formada, aqui é uma exceção [...] a maioria não sabe ler nem escrever. (Jornal Evangelii Härold, 1918, nº 42, p.3 tradução nossa).

Além das mulheres acima descritas, a missionária também percebe um tipo específico de mulher, respeitada por uns e temida por outros, de hábitos e fé contrastantes aos de Frida. As “feiticeiras” estavam ligadas às crenças de cura locais. O que ela entendia por idolatria e sacrifícios pela fé, mesmo dos muito pobres, também foram observados nessa carta.

Em cada casa, há um chamado oratório um armário onde os santos são mantidos. Eles são muito pobres, tão pobres que dificilmente há comida em casa, mas o oratório não pode faltar, é feito apenas de uma caixa de madeira com uma cruz em cima. (FRINGREN, F. Jornal Evangelii Härold, 1918, nº 42, p.3 tradução nossa).

Então, finalmente, há mulheres aqui, como em liga com Satanás e com a prática de bruxaria. A chamada "Feiticeira" muitas vezes vive em uma família onde ela tem poder ilimitado. Dinheiro, jóias, tudo a agarrando para si. As pessoas temem muitas dessas mulheres. Quando estão doentes dizem: envie para a seguinte "Feiticeira", que, em seguida, exerce sua bruxaria. Pobres criaturas! Satanás amarra suas vítimas com laços fortes. (FRINGREN, F. Jornal Evangelii Härold, 1918, nº 42, p.4 tradução nossa).

Essa última mulher, a qual Frida descreve, também nos remete à imagem das benzedeadas que, segundo Oliveira (1985, p. 25) eram geralmente mulheres casadas, mães de filhos, que conheciam rezas, ervas, cataplasmas, chás e simpatias, que além disso, lidavam bem com a magia, a feitiçaria e a bruxaria. Esse autor as reconhece como cientistas populares que combinavam os místicos da religião e os truques da magia. Enfim, numa época em que os índices de doenças tropicais eram alarmantes em Belém e as classes menos abastadas foram empurradas para os subúrbios alagadiços da cidade, essas mulheres benzedeadas

---

<sup>51</sup> Os primeiros hospitais em Belém eram administrados por ordens religiosas católicas. (MIRANDA, 2015, p.525-539).

eram uma opção mais próxima dessa população, uma possível explicação para o que Frida observa: o fato de que elas viviam em família, tinham poder ilimitado e eram temidas pelas pessoas.

## **b) Sobre a religiosidade e o círio de Nazaré**

Nesses dias acontece a habitual festa de Nazaré, a maior festa que ocorre. Esta celebração é tradicional no estado do Pará. Conta-se que há mais de cem anos, um homem encontrou uma imagem de santo, num lugar específico. Ele pegou e levou para casa. Na manhã seguinte ela se foi, ele voltou ao lugar onde ele a encontrou, e ela estava lá novamente. Ele a trouxe com ele duas vezes, mas o mesmo se repetiu. Então, à espera do padre, ele construiu uma capela sobre ela, no lugar onde ela estava. Esta imagem era Nossa Senhora de Nazaré, virgem de Nazaré, a partir daquele momento iniciou a adoração fanática por Maria, que todos os anos toma a forma de grandes procissões e celebrações, realizadas em sua honra. (Jornal Evangelii Hãrold, 1927, p.618 tradução nossa).

Frida, apesar de não professar da mesma fé, demonstra atenção à oralidade popular. A tradição oral sobre o círio de Nazaré, historicamente oficializada, atribui ao caboclo Plácido José de Souza o achamento de uma pequena imagem de santa às margens do Igarapé Murutucú, onde hoje está construída a Basílica Santuário, na Avenida Nazaré. Conta-se que Plácido a encontrou enquanto fugia de alguns animais selvagens e que, atribuiu ter sido salvo de tais animais à intervenção da “santinha”. O caboclo, então, decidiu levar a imagem para casa, mas, ela desapareceu sucessivas vezes, sendo encontrada no lugar inicial. Devido às “fugas” da imagem, Plácido construiu uma pequena e simples capela naquele lugar, a partir de então, paulatinamente mais pessoas começaram a cultuá-la. Em 1793, ocorreu a primeira procissão oficializada pela igreja católica (PANTOJA, 2006, p.36).

O *Jornal Evangelii Hãrold* publicou a carta de Frida na edição de 17 de dezembro de 1923. Moraes (2014, p.24) afirma que, paralelamente ao exercício da enfermagem e de sua formação para o campo missionário, Frida dedicou-se à arte da Fotografia. Com a carta, seguem duas fotos anexas e descritas, que nos

permitem, considerando a afirmativa do biógrafo, conjecturar que a própria missionária tenha feito o registro.

Figura 24



Fonte: Jornal Evangelii Härold, 1927, p.618

Aqui, em uma imagem aparece uma carruagem, puxada por dois bois, com a imagem sagrada no topo. Em seguida, vêm os sacerdotes e a multidão de milhares e milhares. A maioria carrega fardos muito pesados. A imagem é feita de ouro - um nítido contraste com a simplicidade e pobreza em que viveu a mãe de nosso Senhor Jesus. (Jornal Evangelii Härold, 1927, p.618 tradução nossa).

Figura 25



Fonte: Jornal Evangelii Häroid, 1927, p.619

A celebração ocorreu em quinze dias de missa todas as noites para honrar Maria, e depois, no grande parque da igreja até tarde da noite, com o carrossel, [...], bares, teatro, cinema e etc. Nessa outra imagem só aparece multidão na procissão. FRINGREN, F. Jornal Evangelii Häroid, 1927, p.619 tradução nossa).

### 3.3 Uma feminista Cristã?

Se a mulher é uma ajudadora nas coisas materiais, porque não pode ser a mesma nas coisas espirituais? E se a atividade e a influência da mulher são aproveitadas nas coisas mundanas – porque não podem ser aproveitadas nas coisas de Deus? Por qual razão ela é proibida de servir ao seu criador? (VINGREN, F. 1930, p.3).



A “Universalização da cidadania” vem sendo discutida e prometida desde a Revolução Francesa. Mary Wollstonecraft, na Inglaterra, e Olympe Gouge, na França, são os nomes que emergem nesse período de lutas, influenciadas, principalmente na Inglaterra, pela perspectiva de igualdade cristã puritana que dominou a Grã-Bretanha seiscentista. Essa percepção da igualdade cristã levou essas mulheres a se conscientizarem das desigualdades sociais as quais estavam sujeitas (ABREU, 2002, p. 463-469).

Olympe Gouge, observou que os direitos à cidadania defendidos na publicação da *Declaração dos direitos do homem e do cidadão*, em 1789, não alcançavam as mulheres e, numa clara reação intelectual, escreveu sua *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*, dois anos depois. No entanto, segundo Abreu (2002, p.444), sua militância a levou ao cadafalso. Mas, Mary Wollstonecraft, conseguiu alguma notoriedade na luta pela igualdade legal e política entre os sexos e serviu de inspiração para mulheres das gerações posteriores, inclusive para as dos movimentos sufragistas no início do séc. XX. (idem).

Frida, inegavelmente, foi uma ativista daquilo que entendia como direito das mulheres exercerem seu chamado. Sua visão bíblica *neo-testamentária*<sup>52</sup> defendia que o “dom” era distribuído pelo *Espírito santo*, que o fez sem distinção entre homens e mulheres. No artigo “Dons Espirituais”, publicado no Jornal *O Som alegre*, em janeiro de 1930, ela esclarece que

[...] Se o Espírito Santo dá o dom de profecia para a mulher, pode também dar-lhe o da ciência, pois, não é o homem, nem tão pouco a mulher que fazem o ministério, mas é o dom. Isto é um fato simples e claro e qualquer que tenha recebido um dom é responsável diante do Senhor. A mulher recebendo-o entra assim no ministério da palavra, e pode então, pregar e ensinar, conforme a direção do Espírito Santo. (Jornal *O Som Alegre*, 1930, p.9).

---

<sup>52</sup> “Sua nova lei é a lei do Espírito (Rm 8,2) a qual, agora, o discípulo deve observar; pois se vivemos no Espírito, andamos também no Espírito (Gl 5,25) – o que em certo sentido significa dizer: torna-te o que és! Ou dito de outro modo, a possibilidade de viver no Espírito, concedida à fé, deve corresponder indubitavelmente à práxis cristã. Desse modo, ser coerente não significa permanecer recluso num sistema, mas, sobretudo, ser fiel a uma luz recebida. Pois, o fato de que o fiel recebeu o dom do Espírito no batismo, significa dizer que lhe foi dada a possibilidade de libertação, em relação ao poder do pecado e da morte” (MORATO, 2011, p.58)

Em outro artigo, intitulado “Filhas Profetizando”, publicado no mesmo mês, a missionária continua elencando argumentos que assegurem a continuidade de seu trabalho, o que incluía, já em 1930, o direito de escrever artigos de opinião nos jornais denominacionais, estar à frente dos cultos ao ar livre em diversas regiões do Rio de Janeiro, como por exemplo, os que aconteciam na Praça da Bandeira, na estação Central, na Praça das 11 e no Largo da Lapa, por exemplo, e os trabalhos de evangelismo aos presidiários, na Casa de Detenção (MORAES, 2014, p. 97-126); todos esses, envolvidos e paralelos ao desejo de livremente ensinar, exortar e pregar.

[...] É interessante vermos o que a Bíblia diz acerca do trabalho da mulher no evangelho. Visto que dois terços das pessoas convertidas no mundo são mulheres, esta questão torna-se importante. Suponhamos pois, que verdadeiramente não existe mandamento contra o trabalho da mulher; estamos, então, diante do triste fato que Satanás procura empatar dois terços das pessoas convertidas no mundo, de trabalharem para o Senhor. E isto é um prejuízo enorme para a causa do Senhor [...] No livro de Juizes 4:4-6 lemos: e Debora, a profetiza, mulher de Lapiedoth, julgava a Israel naquele tempo. E habitava debaixo das Palmeiras de Debora, entre Rama e Bethel, nas montanhas de Efraim; e os filhos de Israel subiam a ela em juízos. Aqui vemos uma mulher ocupar uma posição elevada. Debora era primeiramente profetiza. Em que consistia esse ministério? Naturalmente era o mesmo que o de profeta. E os profetas antigamente não só predisseram coisas futuras, mas também exortaram e ensinaram o povo, tanto publicamente como individualmente. Em segundo lugar, ela era *juiz*, estava colocada em autoridade por Deus para julgar e dirigir o povo. Parece estranho que uma mulher ocupasse tal cargo – julgando os homens sábios do povo de Israel. Notamos que a *juiz-mulher* exercitava o seu cargo de igual modo como o *juiz-homem*. Ela também era chefe de exército, vê verso 6 e verso 13 do capítulo 5 ‘Fez-me o Senhor dominar sobre os valentes’. Mas, a nossa admiração chega ao extremo quando vemos que ela era uma mulher casada, pois o marido vivia; de outra forma, havia sido chamada a viúva de Lapiedoth [...] (Jornal *O Som Alegre*, 1930, p.3 grifo nosso).

Segue citando outras mulheres: Miriam, como uma das dirigentes do povo de Israel após a libertação do Egito; a profetiza Hulda, para a qual o rei de Israel enviou uma delegação de homens, dentre os quais, o sumo-sacerdote, a fim de receber

orientações sobre o achamento de um livro. Ana, profetiza na época do nascimento de Jesus, afirmando que não havia homens que exercessem tal função naquele período, Frida enfatiza que essa mulher ensinava e exortava o povo. Além de Maria Madalena e a mulher samaritana, evoca exemplos de mulheres do período Paulino, como por exemplo,

[...] Phebe [...] alguns dizem que ela era diaconisa e tratava dos doentes e necessitados, opinião esta fundada na palavra *serve-diaconon* em grego [...] A mesma palavra é usada em I Co.3:5 'pois quem é Paulo, e quem é Apolo senão *ministros-servos*, pelos quais crestes? [...] é usada em Rom. 15:8 onde diz: 'Digo pois, que Jesus Cristo foi *ministro-servo* da circuncisão. [...] Theodoro<sup>53</sup> diz acerca de Phebe: 'a sua fama está espalhada sobre quase todo o mundo. Ela é conhecida não somente entre os gregos e romanos, como também entre os bárbaros' [...] Phebe tinha, portanto, viajado muito e foi ela que levou a carta aos Romanos. [...] Tito 4:3 lemos: 'Peço-te também a ti, meu verdadeiro companheiro, que ajude essas mulheres que *trabalham comigo no evangelho*'. O apóstolo Paulo não se envergonhava de declarar que, com ele, trabalhavam mulheres (idem, p.4).

O artigo é extenso, recheado de exemplos e argumentos teológicos, o que nos faz acreditar que Frida, apesar de já conviver com pressões constantes, pressentia que algo mais grave estava por acontecer. Ela termina fazendo um apelo em forma de convocação às mulheres pentecostais do Brasil:

[...] Nos diferentes países, onde existe a obra pentecostal, as mulheres tomam grande parte do trabalho. Nos países europeus, nos Estados Unidos e até nos países pagãos elas tem penetrado. Oxalá, que as mulheres brasileiras, que certamente não são inferiores às suas irmãs estrangeiras, se consagrem de tal forma que o Espírito Santo as pudesse chamar para pregar o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Dizem alguns, que há dificuldades especiais nesse país, se assim é, cremos ser por falta de ensino entre os crentes. (idem).

---

<sup>53</sup> No artigo em questão, Frida afirma que as informações sobre Phebe foram extraídas do Compêndio da Teologia Metodista, publicado pela Igreja Metodista episcopal do Brasil. Portanto, supomos que, "Theodoro" seja Athacílio Theodoro Pithan, o 'primeiro bispo brasileiro da comunidade Anglicana.

A publicação não agradou aos pastores brasileiros, na verdade, a postura de Frida há tempos não agradava, mas, além disso, o que mais preocupava era sua possível influência. E se outras mulheres decidissem ouvi-la, imitá-la? Ela havia passado dos limites do que os *cabras-machos*<sup>54</sup> em concílio com Samuel Nyström, seu principal opositor, julgavam “prudente e útil”. A primeira convenção das Assembleias de Deus no Brasil aconteceu em setembro de 1930, em Natal. Além das questões referentes ao andamento da obra missionária no Brasil, uma, entre outras pautas, chamou atenção, a questão do trabalho da mulher na igreja. À luz da 1ª epístola aos coríntios, capítulo 14, versos 34 e 35, concordaram os irmãos do Norte do país:

[...] Não aceitar essas inovações das mulheres pastorearem e doutrinarem nas igrejas [...] às irmãs cabia somente o direito de orarem, darem testemunho, manifestarem seus dons espirituais, testificarem em suas casas ou em casas particulares, e auxiliarem na palavra do Senhor, em alguns lugares onde não houver pastores ou irmãos competentes para ministrarem a palavra; então, poderão as irmãs dirigir o serviço do Senhor, provisoriamente, até o comparecimento do pastor ou irmãos enviados por outras igrejas, para tomarem conta do serviço do evangelho nesse lugar. Esta é a fé inabalável desta igreja de Deus. (MORAES, 2014, p.120).

Ratificando a decisão dos pastores “nortistas”, Lewi Pethrus também falou a respeito da atuação das irmãs nas igrejas. Segundo Moraes (2014, p. 120), o líder da Igreja Filadélfia de Estocolmo, afirmou que a mulher poderia dar testemunhos que contivessem ensinamentos, onde fosse necessário, mas não cabia a ela ser dirigente, exceto onde faltasse um homem preparado para aquele lugar. Enfim, oficializou-se o que Frida, talvez, previu, mas não desejou:

A irmãs tem todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e da salvação, e também ensinando, quando for necessário. Mas, não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais [...] Isso deve acontecer somente quando não existam

---

<sup>54</sup> Termo utilizado por Silas Daniel, em seu livro História das convenções gerais das Assembleias de Deus no Brasil. (DANIEL, 2004, p. 34).

na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar (MORAES, 2014, p.121).

Frida assistiu a convenção, mas, não teve o direito de fala ou réplica. Por cinco meses calou-se, publicou sobre assuntos diversos, nada relacionados àquela fatídica ordem. Para Weber, a convenção é um grupo cuja função é “manter a lei e a ordem, com integrantes tais como juízes, promotores, oficiais administrativos e carrascos” (1920, p.58).

Todo sistema ético realmente válido sociologicamente, provavelmente fundamentar-se-á na convenção, ou seja, na probabilidade de desaprovação generalizada que se segue à sua violação. Entretanto, nem toda norma convencional ou legalmente sancionada reclama ser ética. Normas legais são frequentemente motivadas pela mera conveniência e assim podem reivindicar menos ainda um caráter ético que as normas convencionais. (WEBER, 1920, p.61).

Aquela sueca não era uma mulher qualquer, pelo que acreditava, jamais se calaria. Assim, na edição do *Mensageiro da paz*, na 1ª quinzena de fevereiro, de 1931, ela exerceu sua vocação, posicionou-se, mesmo sabendo que escolher “falar” era um caminho perigoso e sem volta. Intitulou seu artigo evocando quem ela acreditava ser o dono do “dom”, por isso, o único que poderia calar sua voz e, situando a si própria e todas as mulheres pentecostais brasileiras num campo de guerra: *Deus mobilizando suas tropas*.

A mobilização é um movimento pertencente às guerras. É o ato de preparação das tropas para a luta. Vivemos em tempos de apreensões, guerras e revoluções, e, em muitos países, tem havido, ultimamente, tais movimentos. Quando a guerra é declarada numa nação, chama-se o povo para mobilização. Deus também está mobilizando as suas tropas [...] A responsabilidade pela proclamação do reino paira sobre nós. E o Rei (Jesus) espera que cada cidadão do seu reino cumpra com seu dever. Cada qual no seu lugar, no seu posto, executando o serviço que lhe foi entregue. A primeira vez que Deus mobilizou suas tropas foi no dia do Pentecostes, quando o Espírito Santo foi derramado sobre os discípulos, no cenáculo. [...] o mandado do Mestre foi este: 'Ide, por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda criatura'. [...] E hoje? Deus ainda está mobilizando

as suas tropas? Sim [...] A 'câmara dos armamentos' ainda está aberta – Jesus está derramando o Espírito Santo sobre seus servos e servas. É a última chamada; necessitamos, por isso, despertar do sono da indiferença para atender ao apelo de Deus. [...] O amor de Jesus nos constrange, eis a força do invisível, que nos leva a pôr-nos, a nós mesmos, acima do altar em sacrifício santo e agradável a Deus [...] As irmãs das Assembleias de Deus, que igualmente, como os irmãos, têm recebido o Espírito Santo, e, portanto, possuem a mesma responsabilidade de levar a mensagem aos pecadores, precisam convencer-se de que podem fazer mais do que tratar dos deveres domésticos. Sim, podem também, quando chamadas pelo Espírito Santo, sair e anunciar o Evangelho. Em todas as partes do mundo, e especialmente no trabalho pentecostal, as irmãs tomam grande parte na evangelização. Na Suécia, país pequeno, cerca de 7 milhões de habitantes, existe um grande número de irmãs evangelistas, que saem por toda parte anunciando o Evangelho, entrando em lugares novos e trabalhando exclusivamente no Evangelho. Dirigem cultos, testificam e falam da palavra do Senhor, aonde há uma porta aberta (Os que estiveram na convenção de Natal e ouviram o Pastor Lewi Pethrus falar desse assunto, sabem que é verdade). Por qual razão as irmãs brasileiras não de ficar atrasadas? Será falta de coragem? Na 'parada das tropas' a qual teve lugar aqui no Rio, depois da revolução, tomou também parte, um batalhão de moças do estado de Minas gerais, as quais se tinham alistado para a luta. Para cumprir um ideal terrestre há muita coragem, porque também não há para cumprir a vontade de Deus? Não pode ser falta de direção, pois é o mesmo Senhor que dirige a obra em todo lugar. Só pode ser falta de educação espiritual ou de submissão à direção do Espírito Santo. Essa falta pode ser removida pelo esclarecimento da verdade e humilhação da parte dos resistentes. Às irmãs, convém buscarem santificação e consagração para que o Senhor as possa dirigir e abençoar. Não há tempo a perder. Jesus vem muito em breve. O senhor diz: 'A quem enviarei, e quem há de ir por nós?' Diremos nós: 'eis-me aqui, envia-me a mim' (Jornal O Mensageiro da Paz, 1931, p.3).

Eram anos de revolução, de um governo provisório, de lutas pelos direitos trabalhistas e também sufragistas. Estudantes, trabalhadores e mulheres estavam à frente das trincheiras. Ainda que pela ascese intramundana os pentecostais se mantivessem avessos a tudo o que o 'mundo' oferecia, eles também não eram desfavoráveis às ações governistas, uma vez que, aqui no Brasil, eles tinham a outrora cobiçada liberdade religiosa. O clima revolucionário estava instaurado sobre todo o país e Frida, inteligentemente, agarrou-se ao assunto para convocar as Assembleianas à luta. Se parafrasearmos Weber (1920, p.66) poderemos entender a luta de Frida e das mulheres da fé apostólica, na medida em que a ação da convenção foi orientada propositalmente a fim de satisfazer sua própria vontade,

prevalecendo contra a resistência, no caso, os direitos das mulheres exercerem livremente seus dons.

O artigo nos revela o motivo pelo qual a missionária decidiu falar, nos permitindo afirmar que, em nenhuma hipótese, ela aceitaria a decisão da convenção. Preferiu oferecer-se “em sacrifício” do que deixar de cumprir o que cria ser sua “responsabilidade”, “o serviço que lhe foi entregue”. E mais, comprometeu seu líder, seus conterrâneos e, todos os outros homens presentes na convenção, quando trouxe para o debate a situação do trabalho feminino no estrangeiro. Seus opositores não teriam como desmenti-la e, os leitores, acreditariam no que fora dito exatamente por isso.

Ao provar que existem mulheres, em outros países, à frente do trabalho do evangelho, Frida afirma que suas “irmãs brasileiras” não devem limitar-se “apenas ao trabalho doméstico”. Apesar de não ter escrito, era ela mesma, um prova disso. Conseguia conciliar sua vocação profissional aos trabalhos do lar com maestria, caso contrário não poderia incentivar outras a fazê-lo.

Não satisfeita, finaliza seu artigo com um argumento teológico que, reafirma sua convicção da igualdade entre homens e mulheres no trabalho evangelístico, bem como seu posicionamento contrário à proibição imposta pela convenção, ao questionar implicitamente: - Vamos ficar paradas/caladas, enquanto Deus está nos perguntando a quem ele enviará?

Se o ideal feminista, em suas raízes, luta pelo direito de exercer direitos legais, direitos humanos, direitos universais, Frida também lutava pelo direito de exercer livremente sua vocação, seu chamado e sua fé.

Não desejamos outra coisa, senão liberdade nos dons espirituais.  
(VINGREN, F. 1930, p.9).

### 3.4 DA VOCAÇÃO À INTERDIÇÃO

[...] Como sempre, Frida ficou a frente da igreja do Rio, auxiliada pelos obreiros (MORAES, 2014, p. 133).

Ninguém respondeu, oficialmente, após a publicação de *Deus mobilizando suas tropas*, nem os pastores, nem os conterrâneos missionários, nem as mulheres convocadas à luta. Frida continuou publicando, pregando, ensinando, exortando e tomando a frente dos trabalhos, até que no dia 12 de novembro de 1931, Gunnar recebeu um telegrama da Suécia solicitando que ele entregasse a direção do *Jornal Mensageiro da Paz* para Samuel Nyström.

[...] Frida tinha muita força para lutar. Não desistia facilmente. [...] ela escreveu uma carta para Pethrus, ainda esperançosa, informando sobre o que ocorreu no Pará, onde as mulheres não tinham permissão para pregar, segundo a determinação de Nyström. Para Frida, a desordem consistia em a mulher não estar à frente – essa posição era antibíblica, a negação da atuação do Espírito Santo. Todavia, Nyström também escreve a Pethrus, dizendo que sentia fortemente que iriam – ele e os demais pastores – perder força se fosse permitido serem governados por uma mulher. Claramente, podemos entender que ele atacou Frida, para que, ao impedir Frida, impedisse as demais mulheres. Para além dos problemas já citados, Nyström e os demais pastores que o apoiaram argumentaram que Frida não aceitava as decisões tomadas pelos líderes e que ela falava pelas costas sobre as decisões que não concordava. [...] é Nyström quem está em Belém, administrando a igreja. Na carta ao pastor Pethrus, de outubro de 1931 [...], Nyström afirma que a mulher ser tratada como homem é uma tendência muito perigosa e que Pethrus deve exigir que o casal Vingren saia do trabalho do jornal. (VILHENA, 2016, P.196 grifo nosso).

A saúde de Gunnar só piorava, as tensões cresciam. Em janeiro de 1932, entregaram a direção do jornal para Samuel. Nesse tempo, o casal já tinha seis filhos: Ivar, Rubem, Margit, Astrid, Bertil e Gunvor, o mais velho com quatorze anos e a mais jovem com apenas três. Decididos a voltar para Suécia, tiveram que lidar com a dor da perda, a caçula, contraiu *crupe*, uma doença infectocontagiosa aguda



que atinge o sistema respiratório. Na foto da despedida dos Vingren, apenas o casal e os cinco filhos, a pequena Gunvor foi enterrada em solo brasileiro, no cemitério do Caju, no Rio de Janeiro (MORAES, 2014, p.143-153). Frida partiu, mas deixou, literalmente, uma parte dela enterrada no Brasil.

Figura 26



Fonte: Moraes, 2014, p.157

Para mim é como arrancar o coração do meu peito, quando penso em deixar o Brasil para talvez nunca mais voltar! (Norell, 2011 *apud* VILHENA, 2016, p.199).

Nove meses após chegarem à Suécia, entre melhoras e remissivas na saúde de Gunnar, Frida perdeu seu companheiro. Na biografia oficial, Moraes enfatiza: “a cerimônia fúnebre foi realizada na grande Igreja Filadélfia, em Estocolmo, e embora fosse um dia comum de trabalho, cerca de 1.300 pessoas assistiram a cerimônia” (2014, p.167).

Agora viúva, a missionária cogitava a possibilidade de voltar ao trabalho. No entanto, todas as suas tentativas foram frustradas. Enviou inúmeras cartas para Lewi Pethrus que, sem vacilar, respondia “não” independente de quais fossem os seus argumentos.

Irmão Pethrus, queria apenas consultar se o senhor pode chegar à decisão de eu viajar para Portugal. Já se passou um ano, eu vivi no isolamento e na saudade do passado e na vontade de sair, de trabalhar, de rever meus amigos, a falta de Gunnar e de minha menina é quase insuportável às vezes. Desejo apenas que a vontade de Deus seja feita, Frida Vingren. (NORELL, 2011 *apud* VILHENA, 2016, p.207).

Vilhena registra que Nystron começou a trabalhar para que a conterrânea não voltasse ao Brasil (2016, p.204), no intuito de garantir que ela se mantivesse longe de ser influência para outras mulheres. Frida consegue que um empresário de posses financie seu trabalho missionário, e, já que foi impedida de voltar ao Brasil, tenta seguir para a missão em Portugal, onde trabalhava o missionário sueco Jack Hardsted seu pedido foi outra vez negado por Pethrus, sua justificativa era de que seria uma irresponsabilidade mandar de volta uma mulher sozinha com cinco filhos (MORAES, 2014, p.171-172).

Eu ficaria muito grata se eu pudesse continuar a ser uma missionária da Filadélfia, porque é onde eu estava quando me pediram para sair em missões é onde eu estava quando eu tive que parar de ser uma missionária. Eu me lembro de que você disse que eu seria separada para ser missionária por toda a vida. Mas se você me permitir ir, o dinheiro que foi prometido irá beneficiar o conjunto também. (NORELL, 2011 *apud* VILHENA, 2016, p.206).

Agora, Frida tinha que lidar com acusações de adultério de quando estava no Brasil, o que nunca foi comprovado, com a perda da filha e do marido em períodos tão próximos, mas, o pior ainda viria. As negativas da Igreja Filadélfia de Estocolmo

com relação ao seu retorno para o campo missionário, unidas a tantas outras perdas e calúnias, trouxeram uma tristeza profunda, uma sensação de impotência, que Moraes simplifica como “uma terrível enfermidade que a faria sofrer por seis anos” (2014, p.173).

Decidimos ontem inverter a nossa decisão sobre Frida. Tínhamos decidido deixá-la ir, uma vez que ela havia conseguido o financiamento da viagem sozinha. No entanto, ela tem sido ultimamente tão teimosa e egoísta e de várias maneiras comprovadamente inadequada para fazer a obra de Deus, por isso, decidiu-se que ela não poderia ir. (NORELL, 2011 *apud* VILHENA, 2016, p.206 grifo nosso).

Muitos adjetivos já tinham sido listados à Frida durante seus anos de militância pela liberdade dela e das mulheres pentecostais exercerem sua vocação. Moraes se utiliza de termos como, “ela era enérgica” (2014, p.46), “enérgica em tudo” (p.65), “uma mulher de vontade forte”, “dizia o que pensava” (p.100), “bastante independente”; Paul Ongman a chamou de “arrogante e orgulhosa” (VILHENA, 2016, p.208); Nyström a acusava abertamente de ser “histérica e fanática” (p.201), “impetuosa” e “além do prudente e útil” (MORAES, 2014, p.179).

Mesmo com as negativas e acusações, ignorando todas as adjetivações contrárias a sua postura, ela não desistiu do que acreditava, não se curvou. Frida carregava consigo a convicção de que aquele era seu dever e que, ninguém, poderia dizer o contrário.

De acordo com a filha mais velha, Margit, Frida já tinha embalado as malas e levado seus filhos para a Estação Central de Estocolmo. Eles estariam viajando de trem para o Sul, onde tomariam um navio para Portugal. Quando estavam prestes a embarcar no trem, Pethrus apareceu e impediu-os fisicamente de embarcar. Deve ter sido um tumulto muito grande e todos foram parar na delegacia. De lá, muito nervosa, Frida foi encaminhada para o hospital psiquiátrico. Frida foi internada pela primeira vez, em um Hospital Psiquiátrico, em 12 de janeiro de 1935. Seu filho mais velho Ivar foi chamado e convencido a permitir sua internação. Entretanto, a “enlouqueceram”. Em um momento de muito nervosismo, como reação a tudo que estavam fazendo contra ela, Frida foi internada, recebia medicamentos e usava uniforme. Começou a ter alucinações, orava ajoelhada aos pés

da cama em voz alta. Sua mente começou a ficar confusa, certamente pelas medicações. (VILHENA, 2016, p.209)

### 3.5 A DISCIPLINA

[...] Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia-política”, que é também igualmente uma mecânica do poder, está nascendo [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos, exercitados, corpos ‘dóceis’ (FOUCAULT, 1977, p. 127).

Era necessário pará-la, no entanto, nenhuma das tentativas tinha surtido o efeito desejado. Frida não se importava com as acusações, intrigas ou proibições, ela continuava firme em seu propósito, provando, cada vez mais, sua sanidade e lucidez. Ela perdera o trabalho, uma filha e o marido, tiraram-na a oportunidade de retomar, calaram sua voz, ignoraram suas cartas, expulsaram-na da congregação. Mas, nada parecia suficientemente doloroso, a ponto de fazê-la desistir.

Se não podiam pará-la, podiam puni-la. A disciplina, segundo Foucault, é o próprio exercício do poder sobre o corpo do indivíduo, o *biopoder*, o corpo diretamente mergulhado num campo político (FOUCAULT, 1977, p. 28).

Precisavam de uma justificativa, uma lógica que respondesse ao desejo de excluí-la do convívio da sociedade, que silenciasse sua perigosa influência. Afinal, o que estava em jogo era o “não-lugar” que aquela mulher ocupava: o raciocínio, a intelectualidade, a inteligência, a boa argumentação, a oralidade, a liderança e, principalmente, o poder que tudo isso junto poderia gerar, caberiam melhor a um homem. E eles eram a maioria, assim, rapidamente encontraram uma estratégia, uma justa disciplina: o *desatino*, a *desrazão*.

Foram disciplinados na Idade Clássica, os devassos, portadores de doenças venéreas, libertinos, blasfemadores, suicidas e todos os que, de alguma maneira, fugiram do *modus operante* de uma sociedade. Afinal, somos julgados, condenados,

classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder (FOUCAULT, 1979, p.180).

A loucura não pode ser encontrada no estado selvagem. A loucura só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade que a isolam e das formas de repulsa que a excluem ou capturam (FOUCAULT, 2006, p.163).

Após a primeira internação, seus filhos, ainda menores de idade, ficaram aos cuidados de famílias da Igreja Filadélfia, até serem levados, em definitivo, para a hospedaria missionária da mesma instituição, em Estocolmo (MORAES, 2014, p. 173). Acusada de sofrer de problemas mentais, Frida perdeu o direito sobre o seu próprio corpo, sobre sua vida e de seus filhos. O sanatório é uma instituição disciplinar, como era a fogueira para os hereges da Idade Média, ou as *naus* para os leprosos (FOUCAULT, 2008, p.121).

Beckomberga, outro sanatório, mais uma internação. Em 1939, “libertaram-na”, foi levada para morar com o filho Ivar, agora um adulto. Margit, a mais velha das duas filhas, também tinha sido autorizada a sair da hospedaria, pois completara dezesseis anos, era ela quem cuidava da mãe. Um consolo para aquela que cuidou de tantos enfermos no Brasil. No entanto, apesar de estar em casa, seu corpo já havia sido vitimado pela exclusão. Para Foucault, a loucura e o louco são criados pelos saberes que exercem o poder sobre esse corpo específico. (2006, p.163).

Em nenhum dos prontuários médicos, conforme afirma Norell (2012), referentes à Frida havia diagnóstico de que sofria de algum distúrbio mental. Os diagnósticos eram de irritabilidade, teimosia e apresentação de tremores. Como resultado dos exames, a única doença constatada foi de hipertireoidismo. No prontuário de sua primeira internação de 12.01.1935, consta que pesava em torno de 63kg, estava consciente de espaço, tempo e de sua própria identidade, mas seu quadro passa a se agravar com o tempo (VILHENA, 2016, p.214 grifo nosso).

Houve uma piora no quadro de saúde de Frida, para Moraes, uma úlcera no estômago, câncer (p. 177) para Norell, um agravamento do bócio que permaneceu sem tratamento e, eventualmente, causou uma úlcera muito dolorosa (VILHENA, 2016, p.210). Após um mês internada no hospital Karolinska, faleceu num domingo, 30 de setembro de 1940, aos 49 anos, pesando apenas 30 quilos.

O corpo estava morto, mas a violência ainda não acabara. No dia seguinte à sua morte, durante um culto na Igreja Filadélfia, não houve nenhum pronunciamento em sua memória, Margit assistiu Lewi Pethrus ignorar completamente seu luto e toda história de vida de sua mãe. Apenas ao final da reunião, ele informou: “Ontem, a senhora Frida Vingren faleceu”. (MORAES, 2014, p.177-178)

Existem conflitos sobre o que aconteceu após a morte da missionária. A própria biografia não faz nenhuma referência ao lugar ou dia de seu funeral, como fez ao de Gunnar, por exemplo. Apenas explica que Pethrus voltou atrás e durante a cerimônia fúnebre “falou muito a respeito dela” (p.178). Moraes também diz que a Igreja Filadélfia cuidou do sepultamento, por ela ter sido missionária da igreja e que “tempos depois” foi colocada no mesmo túmulo onde estava Gunnar.

No entanto, há um lapso temporal entre a morte e a possível cerimônia fúnebre de Frida. O biógrafo relata que, por conta da morte de um dos irmãos de Pethrus, ele teria ficado muito “sentido emocionalmente” e que, por isso, “dias depois” falou bem dela no funeral (p.178). Acrescenta que, só “tempos depois”, os corpos do casal foram colocados juntos. Não há uma sequência natural nesses relatos: Porque da morte até a cerimônia fúnebre levariam tantos dias? Porque só “tempos depois” o casal foi colocado na mesma sepultura, se a história oficial conta que eles já estavam no mesmo cemitério e Gunnar enterrado há sete anos? Teria Frida morrido num sanatório, sozinha, como uma indigente? Mas, isso não “pegaria bem” para a imagem da instituição. Teriam mudado de ideia, assim como Pethrus?

[...] o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como a força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso (FOUCAULT, 1979, p. 8).

O maior opositor de Frida Maria Strandberg Vingren, Samuel Nyström, escreveu uma homenagem póstuma, publicada no jornal *O mensageiro da Paz*, quatro meses após a morte dela.

Passou a estar com o Senhor, no dia 30 de setembro, a nossa irmã Frida Vingren, viúva do nosso saudoso irmão missionário Gunnar Vingren, um dos primeiros da obra do Senhor que se efetua por meio das Assembleias de Deus, neste país. A nossa irmã, após grandes sofrimentos, foi para o lugar aonde não há dores, choro e lágrimas. Durante muito tempo ela sofreu, passando por várias casas de repouso, sem ser examinada; mais tarde, depois de ter ficado anêmica, foi radiografada e foi manifesto que sofria de úlcera no estômago e câncer. Foi logo operada, e já apresentava melhora, mas piorou, outra vez, e depois de um mês no hospital, findou os seus sofrimentos. Ela já, antes, manifestara seu desejo de partir para o Senhor. Durante a doença, no hospital, foi visitada por seus filhos, amigos, irmãos e pastores da Assembleia em Estocolmo, os quais lhe levaram o conforto espiritual. A nossa irmã Frida Vingren completara 49 anos. Ela veio para a capital do Estado do Pará em julho de 1917, quando ainda bem jovem e forte, para trabalhar na vinha do Senhor. Sendo solteira, morava em nossa casa, no mesmo ano em que chegou contraiu matrimônio com o missionário Gunnar Vingren, e ficaram trabalhando no Norte do Brasil até maio de 1924, quando se mudaram para o Rio de Janeiro e iniciaram o trabalho, no qual continuaram até 1932, quando regressaram à Suécia, sua terra natal. A irmã Frida tinha muitos talentos naturais, além dos que o Senhor especialmente lhe concedeu. Tinha facilidade de aprender, assimilar e de se expressar, além disto retinha a sua originalidade; tanto a sua linguagem falada como escrita, tinha simplicidade e clareza, e sabia cativar os que a ouviam. Deixou um bom número de hinos de valor, no nosso hinário; o seu desejo, desde jovem, era tornar-se escritora, mas o lar, os filhos e, além disto, o trabalho ativo no evangelho ao lado do marido, deixavam-lhe pouco tempo para um trabalho maior, neste sentido. Mas, o que ela escreveu para revistas e jornais, tanto no estrangeiro como aqui, em geral, foi muito bem aceito. O zelo e a dedicação ao Senhor, fizeram-na procurar poder que vem do alto, e de lá veio a sua impetuosidade e firmeza nos trabalhos a que se dedicava, tornando-se, assim, um instrumento de benção para muitos. Nunca me esqueço do tempo em que trabalhamos juntos no Pará. Muitas noites, sozinha no seu quarto, lutando, permanecia em oração até a madrugada, tudo para que as bênçãos de Deus descessem sobre o trabalho; Deus respondia e ainda animava os outros a entrar na mesma cooperação de oração. A sua impetuosidade, algumas vezes, levou-a além do que era prudente e útil, naqueles momentos, porém, depois, reconhecendo isto, lamentava que tal sucedesse. Entretanto, é preferível ter um espírito ardente e zeloso do que ser morno e nada efetuar. Ela ganhou muitas almas para Cristo. Paz seja sobre sua memória! (MORAES, 2014, p.179-180).

Para Foucault, a loucura é a ruptura absoluta da obra, ela constitui o momento constitutivo de uma abolição que, fundamenta no tempo, a verdade da obra (1977, p.29); A “homenagem” de Nyström, o homem que encabeçou toda perseguição à Frida, tanto no Brasil, quanto após seu retorno à Suécia, soa quase como um deboche. Agora sim, ele poderia colocar Frida no lugar que sempre quis, como a *mulher de Deus, esposa de Gunnar vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil.*

Temos, em suma, que admitir que esse poder se exerce mais do que se possui, que não é ‘privilégio’ adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito conjunto de suas posições estratégicas - efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados” (FOUCAULT, 1977, p. 29).



## CONCLUSÃO

O objetivo inicial desta pesquisa era refletir o anátema existente entre os escritos de si e a memória coletiva de Frida Maria Strandberg Vingren. Anátema, no seu sentido primeiro, do léxico do grego “*Anáthema*” (coisa posta de lado). Ou seja, tentar entender o que foi ‘posto de lado’, o não dito, o silenciado. Ingenuamente acreditávamos que conseguiríamos percorrer essas entrelinhas e silêncios sob uma perspectiva apenas teórica, dialogando com conceitos de memória e história, buscando justificativas também na lógica do fluxo migratório. Mas, “no final, não há jeito de se evitar a política – as relações de poder, os sistemas de convicção e prática – do conhecimento e dos processos que o produzem” (SCOTT, 1992, p.95).

Ratificamos sua relevância na relação com o acervo religioso e cultural do estado do Pará e do Norte do Brasil, pois Belém é *locus* dos acontecimentos primeiros do movimento religioso que motivou a imigração de Frida Strandberg e que hoje é o maior (em membresia) dessa natureza no país. Por meio da observação crítica das sociedades pelas quais Frida atuou - de origem (Suécia), influenciadora (EUA) e receptora (Brasil/Pará) – chegamos a três pontos suscitados nesse anátema. O Primeiro é o total contraste entre a postura intelectual da missionária e seu ‘campo de trabalho’, que se dá principalmente pela mudança de *ethos* da Missão da Fé apostólica no Brasil. Ou seja, o patriarcalismo brasileiro, enraizado desde o período colonial, agregado à teologia cristã ocidental, criou um *ethos sueco-nordestino* que esmagou Frida e sua vocação.

Também nos perguntávamos, inicialmente, - e aqui está o segundo ponto desse anátema - porque que, durante aproximadamente cem anos, Frida foi silenciada e marginalizada? Concluímos que sua leitura neo-testamentária<sup>55</sup> sobre as “especialidades do gênero feminino”<sup>56</sup> (MORAES, 2014, p.102) não se encaixava

---

<sup>55</sup> Discutiremos esse conceito no subtópico 3.3 do capítulo em andamento, a partir do diálogo com os artigos “Filhas profetizando” e “Deus mobilizando suas tropas”.

<sup>56</sup> Termo utilizado por Samuel Nyström no artigo “O Serviço das irmãs na igreja”, publicado no Jornal Boa Semente em outubro de 1929.

no *ethos* sueco-nordestino. Mas, então, porque nos últimos anos, ela reaparece, mostrada pelo mesmo *ethos* que a silenciou? Porque foi de um extremo ao outro, de marginalizada, interdita e louca para ícone feminino, um sinônimo de “espírito ardente e zeloso” (MORAES, 2014, p.180), a própria ascese da mulher pentecostal? Essa mudança de perspectiva ficou mais clara e compreensível quando retomamos Paul Ricoeur (1913) que nos ajuda a entender que o “retorno” de Frida ao cenário de ícones pentecostais não objetiva dar-lhe voz, mas simplesmente, esquece-la mais.

Esquece-la pela manipulação da memória, segundo Ricoeur, a mais ardilosa forma de esquecimento. A que desapossa os atores sociais de seu poder originário de narrarem a si mesmos (p. 455-458), atitude que vai ao encontro do que esse trabalho inicialmente se propôs a discutir, o anátema, entre os escritos de Frida e sua memória coletiva. Esse esquecimento toma vantagem nos atos falhos, nos não ditos, nos *lapsus*, por meio de lembranças encobridoras (*idem*), como por exemplo, as que discutimos no tópico das escolhas imagéticas na obra oficial, que enaltecem a maternidade de Frida, a fim de jogar no esquecimento sua força intelectual.

Esquece-la pela anistia, enquanto esquecimento institucional, de maneira que aquilo que não era aceito como “prudente e útil” seja completamente “perdoado” e totalmente esquecido. A marginalização, as injúrias, todas as violências - sejam simbólicas, morais ou emocionais – tudo também deve ser esquecido, numa relação profunda e dissimulada com o passado proibido.

O terceiro e último ponto: Frida e os “homens da fé apostólica”, definitivamente, não desejavam a mesma coisa. Todo sofrimento a ela imposto tinha o propósito de negar-lhe os “lugares” tradicionalmente masculinos, e com eles o poder que deveria ser exercido apenas pelos homens. Mas, a sueca nunca desejou os cargos, ela lutava pela igualdade de direitos para exercer sua vocação, não queria o pastorado, queria a liberdade para cuidar de pessoas, exortar e ensinar. Não queria dirigir igrejas, queria “estar à frente dos trabalhos”.

Portanto, afirmamos que o anátema entre os escritos de Frida e sua memória coletiva existe, um anátema construído pelo que Ricoeur chama de *cúmplices*

(p.455) na manipulação da memória e que Foucault entenderia como estratégias para manutenção do poder. De maneira que, este trabalho tenta minimizar os danos causados à memória de Frida, evocando seus escritos como testemunhas, ainda resistentes, de um processo contínuo de desconstrução e remodelação de sua memória e identidade.

A história de uma jovem destemida que, aos vinte e seis anos emigra para o outro lado do mundo, motivada pela vocação, por aquilo que ela acreditava ser seu saber e dever. A história de uma mulher violentada em seu direito humano mais essencial, o de ser ela mesma autora de sua vida. Cercearam-lhe o corpo, a voz, manipularam suas memórias, mas, apesar de tudo, este trabalho nos mostrou que, para Frida Maria Strandberg Vingren, nada era suficientemente doloroso, a ponto de fazê-la desistir de quem ela sabia que era.

Esperamos, portanto, ter contribuído para o avanço dos estudos no âmbito das micro-histórias, dos anátemas, dos não ditos, dos vencidos, silenciados e vitimados pela exclusão daqueles que julgavam ser donos da memória e da história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

\_\_\_\_\_. A Bíblia Sagrada. Texto Bíblico: Almeida Revista e Atualizada, 2. Ed. 1998, Sociedade Bíblica do Brasil.

\_\_\_\_\_. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. Tradução do Conselho nacional dos bispos do Brasil. 7ª ed. Brasília. Canção Nova, 2008.

ABREU, Zina. **Luta das Mulheres pelo direito de voto**: movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Arquipélago. História, 2ª série, VI (2002).

ALENCAR, G. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus**. Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

ALMEIDA, R.S. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro**: escravidão, império, religião e papel feminino. São Paulo: Hagnos, 2014.

BAKHTIN. **A ideologia em Bakhtin e em Pêcheux**: um estudo em contraponto. In: ZANDWAIS, A. (Org). Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2005.

BAKHTIN. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 1929/2006.

BARROS. **Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso**. In: Brait, B. (Org.). Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. São Paulo, Editora da Unicamp, 2005.

BARROSO. **Família e imigração: o casamento, em Belém, no início do século XX**. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu – MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010.

BERGER, John. **Modos de ver**. 1972. Disponível em : <<http://www.4shared.com>. Acesso em 13/ 08/2016.

BOURDIEU. P. **A economia das trocas linguísticas**. MICELI, S. (Org.). São Paulo: Perspectiva, 2007.

BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

CAMPOS. L. Revista USP. **As origens norte-americanas do protestantismo brasileiro**. São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13458/15276>. Acessado em 23/02/2017.

CARDOSO, C. **Uma Introdução à História**. 4ªed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARVALHO, O. **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo, 2014.

CASTRO, A. **Educação, Gênero e religião no trabalho de mulheres tecelãs**. Revista Entrelinhas – Vol. 6, nº1, jul/dez, Porto Alegre, 2012.

COELHO, G. **Na Belém da *belle époque* da borracha (1890-1910)**: dirigindo os olhares. In Revista Escritos, ano 5, nº 5. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011, p, 141-168.

COSER, S. **Híbrido, Hibridismo e Hibridização** in *Conceitos de Literatura e cultura*, Juiz de Fora. UFJF, 2005.

DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral da Assembléia de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DURKHEIM, E. **Definição do fenômeno religioso e da religião**. In: As formas elementares da vida religiosa (o sistema totêmico da Austrália). São Paulo. Paulus, 1989.

ECCO,C. **A função da religião na construção social da masculinidade**. Rev. Abordagem Gestáltica. v.14 n.1 Goiânia jun. 2008, p.93-97.

EMMI, M. **A Amazônia como destino das imigrações internacionais do final do séc. XIX ao início do séc. XX**: o caso dos portugueses. XVII Encontro nacional de estudos populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG-Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010.

EMMI, M. **O Brasil dos imigrantes. Italianos na Amazônia (1870-1950) pioneirismo econômico e identidade**. Belém, NAEA, UFPA, 2008, p.71-112.

FERNANDEZ, Alicia. **A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem**. 1.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994. cap.9, p. 145-155.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva. 2008.

FOUCAULT, Michel. **Loucura, literatura, sociedade**. In: Motta, Manoel Barbosa (Org.). *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. p.232-258. 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, 1977. Ed. Vozes.

FREITAS, L. **Discurso e identidade em narrativas de migrantes**. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GADAMER, H.G. **Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução de Enio Paulo Giachini; revisão da tradução de Márcia de Sá Cavalcante-Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIUMBELLI, 2002. **Para além do “trabalho de campo”:** reflexões supostamente antropológicas *In* Revista Brasileira de Ciências Sociais, RCBS, Vol.17, nº 48.

HAESBAERT, R. **Migração e desterritorialização**, in POVOA NETO, H; FERREIRA, A. Cruzando fronteiras disciplinares: Um panorama dos estudos migratórios, RJ, Revan, 2005, p, 35-46.

HANCIAU, N. **Entre lugar**. Conceitos de Literatura e Cultura. Eurídice Figueiredo (Org.) Juiz de Fora, UFJF, 2005, p.25-141.

LACERDA, F. **Migrantes cearenses no Pará: Faces da sobrevivência** (1889-1916). Tese de pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Cap IV, USP, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.  
MAIA, A. **Sobre a analítica do poder de Foucault**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2): 83-103, outubro de 1995.

MARINUCCI, R; MILESI, R. **Migrações Internacionais Contemporâneas**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/pur/files/2011/04/MIGRA%C3%87%C3%83O-NO-MUNDO.pdf>. Acesso em: 23/06/2016.

MENEZES, F.L. **Migração: Uma perspectiva psicológica, uma leitura pós-moderna ou, simplesmente, Uma visão preconceituosa**. Migração e identidade: Olhares sobre o tema. Maria Jandyra Cavalcanti... [et al], SP, Centauro, 2007.

MIRANDA, Cybelle Salvador et al. **Santa Casa de Misericórdia e as políticas higienistas em Belém do Pará no final do século XIX**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.22, n.2, abr.-jun. 2015, p.525-539.

MIRANDA, A. **A epidemiologia das doenças infecciosas no início do séc. XX e a criação da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará**. Tese de pós-graduação do Instituto de Ciências Biológicas. Cap I. Belém, UFPA, 2013.

MORAES, **100 acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil**, Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

MORAES, **Frida Vingren: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil**, Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

MORAIS, C. **Em Família**. Ano XVI Nº 185. Curitiba, 2013. Disponível em: [http://www.fratrum.com.br/Informativos/EF\\_JUNHO\\_2013/EF\\_JUNHO\\_2013.pdf](http://www.fratrum.com.br/Informativos/EF_JUNHO_2013/EF_JUNHO_2013.pdf). Acessado em: 23/02/2017.

MORAIS. **Em Família**. Ano XVII Nº 197. Curitiba, 2014. Disponível em: [http://www.fratrum.com.br/Informativos/EF\\_JULHO\\_2014/EF\\_JULHO\\_2014.pdf](http://www.fratrum.com.br/Informativos/EF_JULHO_2014/EF_JULHO_2014.pdf). Acessado em: 23/02/2017.

MORATO, E . **A Liberdade cristã na perspectiva Paulina**. Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 5, n. 7, jan/jun, 2011, p. 53-61.

NECKEL, N. **Questão da memória e questão da imagem**: Uma leitura de Michel Pêcheux “Rôle de la Mémoire”, pontos à discussão. Texto apresentado no I seminário de Estudos em Análise de Discurso: Michel Pêcheux e a Análise de Discurso, uma relação de nunca acabar. Porto Alegre, 2003 em debate ao painel “Rôle de la mémoire”.

OLIVEIRA. **O que é benzeção**. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.

ORLANDI. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ORLANDI. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Unicamp, 2001.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade**: a França no século XIX. São Paulo. Editora Brasiliense, 1991.

PANTOJA. **Negócios sagrados**: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2006.

PÊCHEUX, M. **Discurso: Estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi São Paulo: Pontes, 1997.

RICOEUR, P. 1913. **A Memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SAYAD. **O que é um imigrante? A imigração ou os paradoxos da alteridade**. SP, Edusp, 1998.

SCHLEIERMACHER, F.D.E. **Discursos Acadêmicos** (13 de agosto de 1829). In: *Hermenêutica*: arte e técnica de interpretação. Tradução e interpretação de Celso Reni Braidá. Petrópolis: Vozes, 1999.

SCOTT, J. **A história das Mulheres** in *A Escrita da história*: novas perspectivas / Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SEIGNOBOS, Charles; LANGLOIS, Charles. **Introdução aos estudos históricos**, 1897. Apud CARDOSO, Ciro. *Introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

SMITH JR, F. **“Inmigración y colonización”**: A propaganda da “Amazônia Brasileira” na Espanha. Revista Estudos Amazônicos. Programa de pós-graduação em História Social da Amazônia, Vol.VI, nº2, 2011, p.50-76.

SOARES. K. **As formas de morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910)**. Dissertação de mestrado do Programa de pós-graduação em História Social da Amazônia. Belém, UFPA, 2008.

VILHENA, Valéria Cristina. **Um olhar de Gênero Sobre a Trajetória de Vida de Frida Maria Strandberg (1891 -1940)**. Tese (Doutorado em Educação, Artes e História Cultural)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

WEBER, M. **Conceitos básicos de Sociologia**. SP. Centauro, 2002.

WIRTH, L.E. **Protestantismos latino-americanos: entre o imaginário eurocêntrico e as culturas locais**. In: FERREIRA, J.C.L (Org). Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro. São Paulo: Editoras Paulinas, 2009.

### **Jornais consultados**

**Evangelii Härold**. Edição de 17 de outubro de 1918.

**Evangelii Härold**. Edição de 27 de dezembro de 1923, p. 618-619.

**O Mensageiro da Paz**. Edição de Fevereiro de 1931, p. 3 (1ª quinzena).

**O Mensageiro da Paz**. Edição de Fevereiro de 1931, p. 3 (1ª quinzena).

**O Mensageiro da Paz**. Edição de maio de 1931, p. 6 (1ª quinzena).

**O Som Alegre**. Edição de Janeiro de 1930, p.89.

**O Som Alegre**. Edição de Janeiro de 1931, p.3-5.



**ANEXOS**  
**(HINOS DE FRIDA, PUBLICADOS NA HARPA CRISTÃ)**

## UMA FLOR GLORIOSA

Já achei uma flor gloriosa  
E quem deseja a mesma terá  
A rosa de Saron preciosa  
Entre mil mais beleza terá  
No vale de sombra e morte  
Nas alturas de glória e luz  
Esta rosa será a minha sorte  
Precioso pra mim é Jesus!  
Precioso pra mim é Jesus!  
Precioso pra mim é Jesus!  
Eu confesso na vida e na morte  
Que tudo pra mim é Jesus!  
Já de muitos foi achada a rosa  
E provado o excelente odor  
E o poder desta flor gloriosa  
Que dá vida ao vil pecador  
Mui zeloso pela lei foi Saulo  
Perseguia o povo de Deus  
Mas transformado foi em um Paulo  
Pois achou ele a rosa dos céus  
Vai buscar a Jesus precioso  
Vai depressa, a noite já vem  
E, se perdes o amor glorioso  
Será triste pra ti o além  
Esta flor hoje é ofertada  
A quem humildemente a buscar  
Será logo da terra tirada  
Para brilhar em outro lugar

## SEGUIR A CRISTO

Queres tu seguir a Cristo,  
E andar na sua luz?  
Pelo mundo sempre visto,  
Por levar a sua cruz?  
Queres hoje dar o passo,  
Para seres um cristão?  
Vem, quebranta triste laço  
Do pecado e sedução.

A cidade na montanha não se pode esconder,  
E também, a fé tamanha que à vida deu poder.

Amas tu a Jesus Cristo,  
Que por ti sua vida deu?  
Vem, então, declara isto -  
Júbilo terás no céu.  
Ó vê bem o teu intento,  
Custa tua vida, sim!

Não resistas ! Com alento, vem a Cristo, a luz sem fim.

Vem, confessa teus pecados junto à cruz do salvador.

Pede graça de segui-Lo, com coragem e amor.

Considera o grande gozo  
Que no céu espera, sim;  
Aqui lutas, lá repouso,  
Galardão terás enfim.

## A MÃO DO ARADO

Quem sua mão ao arado já pôs,  
    Constante precisa ser;  
    O sol declina e, logo após,  
        Vai escurecer.  
Avante, em Cristo pensando,  
    Em oração vigiando,  
Com gozo e amor trabalhando,  
    Pra teu Senhor.  
Não desanimes, por ser tua cruz  
    Maior que a de teu irmão;  
A mais pesada levou teu Jesus,  
    Te consola, então;  
    A tua cruz vai levando,  
    Como Jesus perdoando.  
    Alegremente andando  
    Pra o lindo céu.  
Sê bom soldado de Cristo Jesus,  
    Sofrendo as aflições,  
Não sufocando a mensagem da cruz,  
    Nas perseguições;  
    Vai Seu amor proclamando,  
    Novas de paz, sim, levando.  
    Aos que estão aguardando  
    A salvação.  
Quando, enfim, tu largares a cruz,  
    Jesus te coroará;  
Com santo gozo em glória e luz  
    Te consolará.  
    Esquecerás teus lidares.  
    Tribulações e pesares,  
Quando no céu disfrutares,  
    Perfeita paz

## A BEM AVENTURANÇA DO CRENTE

Bem aventurado o que confia  
 No Senhor, como fez Abraão;  
 Ele creu, ainda que não via,  
 E assim, a fé não foi em vão.  
 E feliz quem segue, fielmente,  
 Nos caminhos santos do Senhor,  
 Na tribulação é paciente,  
 Esperando no seu Salvador.

2

s heróis da Bíblia Sagrada,  
 Não fruíram logo seus troféus;  
 Mas levaram sempre a cruz pesada,  
 Para obter poder dos céus,  
 E depois, saíram pelo mundo,  
 Como mensageiros do Senhor,  
 Com coragem e amor profundo,  
 Proclamando Cristo, o Salvador.

3

Quem quiser de Deus ter a coroa,  
 Passará por mais tribulação;  
 Às alturas santas ninguém voa,  
 Sem as asas da humilhação;  
 O Senhor tem dado aos Seus

queridos,  
 Parte do Seu glorioso ser;  
 Quem no coração for mais ferido,  
 Mais daquela glória há de ter.  
 4  
 Quando aqui as flores já fenecem,  
 As do céu começam a brilhar;  
 Quando as esperanças desvanecem,

O aflito crente vai orar;

Os mais belos hinos e poesias,  
 Foram escritos em tribulação,  
 E do céu, as lindas melodias,  
 Se ouviram, na escuridão.

5

sim, confia tu, inteiramente;  
 Na imensa graça do Senhor;  
 Seja de ti longe o desalento  
 E confia no Seu santo amor.  
 Aleluia seja a divisa,  
 Do herói e todo o vencedor;  
 E do céu mais forte vem a brisa,  
 Que te leva ao seio do Senhor

### CRISTO, MEU VERO AMIGO

Antes eu não conhecia a Jesus o  
 Salvador;  
 Pois vivia em pecados e temor;  
 Mas achei que minhas culpas, sobre Si  
 Jesus  
 levou  
 E meu gozo nunca mais aqui cessou.  
 É Jesus Cristo meu vero amigo,  
 Que minhas culpas perdoou.  
 É Jesus Cristo vero amigo,  
 Pois a minh'alma libertou  
 Antes, eu não conhecia essa purificação.  
 E o poder que desejava o coração.  
 Mas vigor das promessas a minh'alma  
 transformou  
 E Jesus a fonte viva me levou.  
 Pronto estou p'ra com Cristo a  
 mensagem  
 proclamar,  
 Pelas vinhas onde eu vou a trabalhar;  
 Bem eu sei que é poderoso;  
 Sua graça me dará; e vitória plena me  
 concederá.

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 516.

### DEIXA ENTRAR O ESPÍRITO DE DEUS

Do Santo Espírito, está escrito,  
 Que sois o templo, sim, templo de Deus;  
 Já recebestes, depois que crestes,  
 O dom glorioso descido do céu?  
 Deixai entrar, para morar,  
 O Espírito de Deus;  
 Dom prometido, já concedido,  
 Bendito dom dos altos céus.  
 O que vos salva, também vos lava,  
 P'ra vossa alma de manchas limpar;  
 Purificados de vis pecados,  
 O Santo Espírito já pode entrar.  
 Ó peregrinos, vede o destino,  
 Entrai na terra de leite e mel,  
 Santificados, por Deus chamados,  
 Sereis guiados, por guia fiel.

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 85.

## DEUS VAI TE GUIAR

Andas carregado de tristeza e dor,  
Sem nenhum auxílio, nem um Salvador?  
Ouve a mensagem de teu bom Jesus,  
E tem mais coragem, leva a tua cruz.  
Deus vai te guiar com Sua forte mão;  
Podes descansar na tribulação;  
Seja tua vida livre de pesar;  
Em tristeza e lida Deus vai te guiar.  
Toda carga por ti, Ele quer levar; Alma  
dolorida, ouve o Seu falar;  
Senda espinhosa Ele já andou,  
Morte afrontosa por ti suportou.  
Se estás tentado, Deus te ajudará,  
Sempre confiando, te libertará;  
As pisadas segue do teu Salvador,  
Crendo em Deus, prossegue,  
seja como for.

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 28.

## EM BUSCA DE SIÃO

Saindo do Egito em busca de Sião,  
Meu Salvador guiou-me com  
Sua forte mão;  
Levou-me em vitórias pelo  
fogo e o mar;  
Agora, canto a Deus,  
pela salvação sem par.  
Não busquem mais a Mim na  
escravidão,  
Ergui a tenda, enfim, na terra de Sião.  
Não busquem mais  
a Mim na escravidão,  
Ergui a tenda, enfim, na terra de Sião.  
Mui perto de Jesus e vendo o galardão,  
Pra Canaã eu sigo,  
lá está meu coração;  
Jesus pra grande herança,  
há de me levar,  
A quem deu-me esperança,  
eu hei de aqui louvar.  
Andei eu pelos campos,  
onde fruto achei;  
Em Hebron, uvas vivas  
também eu apanhei,  
Aqui melhor mel, vinho e  
leite eu encontrei,  
Pra escravidão do Egito  
jamais eu voltarei.  
As lutas desta vida  
eu não sinto mais,  
Pois sempre vou cantando  
Sua graça, amor e  
paz; Eu vou marchando para o eterno  
lar, E breve, lá no céu minha pátria hei  
de estar.

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 316

### EM MEU LUGAR

Cristo Jesus lá na cruz já sofre  
 Em meu lugar, em meu lugar;  
 Tudo por mim Ele ali padeceu,  
 Para a minh'alma salvar.  
 Glória a Jesus, meu pecado cravou  
 Sobre a cruz, sobre a cruz;  
 Sangue precioso minh'alma lavou;  
 Glória ao bondoso Jesus

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 472.

### EU CREIO SIM

Te conhecer o amor sem fim,  
 Um pecador fui eu;  
 Em o meu pensar não houve lugar  
 Para Cristo e o céu.  
 Eu creio, sim, Já creio, sim,  
 Jesus morreu por mim;  
 Pelo sangue Seu, que Ele verteu,  
 Libertado fui por fim.  
 Pois, quando vi Jesus por mim,  
 Sofrendo sobre a cruz,  
 O meu coração, sem hesitação,  
 Recebeu o amor e a luz.  
 Com lágrimas, pedi perdão,  
 E dor, também senti;  
 Veio, então, Jesus, e a mim falou:  
 "Foi por ti que Eu morri".  
 Eu sei que Deus, no Filho Seu,  
 Me vê perfeito e são;  
 Não há mais temor, só bendito amor,  
 Gozo no meu coração.

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 59.

### UM CAMINHO SANTO

Há um caminho santo, ao céu de plena  
 luz, As vezes espinhoso, à glória nos  
 conduz; é o caminho certo pra todo  
 pecador; Jesus é o Salvador, Jesus é o  
 Salvador.

Há paz inabalável pra quem está na luz;  
 Por preço incomparável  
 comprou-me a mim Jesus  
 O dom do Pai amado minh'alma satisfaz,  
 Jesus é minha paz, Jesus é minha paz.  
 Há um poder que sara o triste coração,  
 Que dá alívio à alma, paz e consolação,  
 E guarda minha veste, também, em  
 nívea luz; Poder de meu Jesus, poder de  
 meu Jesus! Há um fim glorioso, além do  
 escuro véu; No fim do espinhoso  
 caminho está o céu; E quando for tirado  
 o véu da escuridão, Verei Jesus, então,  
 verei Jesus, então.

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 97.



## JESUS NO MONTE DA ASCENÇÃO

Jesus disse aos discípulos, no monte, ao subir: "Detei-vos em Jerusalém, pois há de se cumprir  
 A vinda gloriosa do Consolador,  
 Pra revestir as testemunhas do Senhor".  
 Descendo o fogo do altar,  
 o vento de amor,  
 Depressa foram proclamar o Salvador.  
 Encheuse o cenác'lo de gloriosa luz;  
 Descendo o fogo divina!,  
 a nós voltou Jesus.  
 E todos, revestidos com o poder do céu,  
 Falaram noutras línguas em louvor a Deus. O povo, assustado com o poder do céu, Não compreendeu que isto foi o que Deus prometeu.  
 Mas Pedro lhes proclama: "Assim diz o Senhor: No fim dos dias, Vos darei Consolador". Assim Jesus te manda orar e esperar O Santo Espírito de Deus, que vem pra t'ensinar;  
 Jesus, a gloriosa unção, te mandará,  
 E Seu amor sublime, proclamar irás.

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 391.

## MARAVILHOSO É JESUS

Maravilhoso é Jesus,  
 Da minha vida a luz,  
 Pois me salvando, me perdoando,  
 Para Sião me conduz.  
 Maravilhoso, sim, maravilhoso!  
 É Cristo, pois salvou-me a mim!  
 Maravilhoso e mui glorioso,  
 É Cristo, que vive em mim.  
 Nunca podia saber,  
 Qual é o grande prazer,  
 Dum que perdido, arrependido,  
 A graça vem receber.  
 Ele nas trevas me achou,  
 Eternamente me amou;  
 Vida abundante, gozo bastante.  
 Tenho por quem me salvou.  
 Cristo é tudo pra mim,  
 Também será para ti;  
 Vou caminhando, sempre O louvando,  
 Pois Ele salvou-me a mim!

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 121.

## MEU REDENTOR

Na cruz morrendo meu redentor  
 Minhas maldades todas levou  
 Se O recebes tens Seu amor  
 Pois seus pecados Jesus perdoou  
 Quando Deus o sangue vir  
 Que Jesus já verteu  
 Passará sem te ferir  
 No Egito assim sucedeu  
 Deus quer salvar ao vil malfeitor  
 Como promete sempre fará  
 NEle confia ó pecador  
 E pela fé vida nova terás  
 Breve se finda a tua luz  
 E no juízo tu vais entrar  
 Não te detenhas vem a Jesus  
 Que teus pecados deseja apagar  
 Que maravilha, que grande amor  
 Se hoje creres salvo serás  
 Cristo te chama vem pecador  
 E gozo eterno no céu fluirás.

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 255.

## O DESCANSO EM JESUS

Tens descanso encontrado  
 em Jesus Cristo?  
 Permaneces pela graça que Ele deu?  
 Tens tu paz com teu Salvador bendito?  
 Plenitude do Espírito de Deus?  
 Tens descanso encontrado  
 em Jesus Cristo?  
 Permaneces pela graça que Ele deu?  
 Plena paz, consolação,  
 acharás na oração:  
 Deus aí vitória aos santos concedeu.  
 Estarás bem seguro e corajoso,  
 Quando a tentação chegarse para ti?  
 Tens a graça pra ser Vitorioso  
 Nas terríveis provações da vida aqui.  
 Só em Cristo encontrarás descanso,  
 Que ninguém aqui, jamais irá tirar;  
 Com Jesus tu hás de  
 aprender ser manso,  
 E Sua glória em ti o mundo há de mirar.

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 246.

## O PEREGRINO E A GLÓRIA

Peregrino segue para a glória,  
 Pois no céu em breve entrarás!  
 Ouves já os cantos de vitória?  
 Tua voz também lá unirás.  
 Sim, queres entoar  
 O cântico dos salvos, lá na glória,  
 Que nos céus há de sempre soar?  
 Sim, queres tu cantar,  
 Os gloriosos hinos de vitória?  
 A Jesus mil louvores entoar?  
 Vem do céu um som de alegria,  
 Na escura noite te chamar,  
 Mui suave e cheio de harmonia.  
 Ó minh'alma. volta pra teu lar!  
 Raios últimos do sol se escondem,  
 Na dourada porta de Sião;  
 Terminada a luta estarei onde  
 As saudades não mais chegarão.  
 De Jesus, o sangue, dá entrada;  
 Glória a Deus, a porta aberta está!  
 Queres tu no céu feliz morada?  
 Pois será mui triste não ir lá.

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 361.

## O SALVADOR ME ACHOU

Em pecados e temor  
 o Salvador me achou,  
 Tão indigno pecador,  
 sem ter do céu a luz,  
 No Calvário ao morrer  
 minh'alma resgatou;  
 Meu perdão foi consumado lá na cruz.  
 Vem ao Senhor, vem pecador:  
 Ele é terno e mui fie!, vem pecador!  
 Vem ao Senhor, Deus é amor;  
 Ouve Sua terna voz "Vem, pecador!"  
 Do sepulcro ressurgiu  
 meu Redentor Jesus;  
 Ele a morte já venceu  
 também o nosso algoz;  
 Vida eterna o pecador goza por Sua cruz  
 Pois os mortos hão  
 de ouvir Sua terna voz.  
 Para o céu subiu Jesus,  
 ganha a vitória cá.  
 E na dextra do bom Deus,  
 tenho-o por  
 Mediador,  
 Intercede em teu favor,  
 não te detenhas lá.  
 Não desprezes esta voz de teu Senhor.

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 397.

## QUE FARÁS DE JESUS CRISTO

Diante de Pilatos 'stá Jesus,  
 Por. todos deixado em aflição,  
 O qual pergunta à multidão...  
 "Que farei de Jesus Cristo?"  
 Que farás de Jesus Cristo?  
 Responde, hoje, sim;  
 Diria um dia ao vêLo:  
 "Que fará Ele de mim?"  
 Em julgamento ainda está  
 O Nazareno em aflição,  
 E se repete a pergunta, então:  
 "Que farei de Jesus Cristo?"  
 Será julgado Jesus por ti,  
 Ou recebido com gratidão?  
 E , mui alegre, dirás, então:  
 "Aceito a Jesus Cristo!".

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 158.

## RESGATADO COM O SANGUE DE CRISTO

Com ouro e prata não fui resgatado,  
 Tesouro terrestre, jamais me livrou;  
 O preço foi o sangue de Cristo, manado  
 Na cruz do Calvário onde a vida raiou!  
 Por prata e ouro não fui remido,  
 Nem por tesouro de mui valor,  
 Mas pelo sangue que foi vertido  
 Por Jesus, meu Salvador!  
 O ouro e a prata valor, oh! não tinham  
 Pra satisfazer a justiça de Deus.  
 Mas Cristo pagou toda a dívida minha;  
 Encheume de amor e de paz lá do céu.  
 Por ouro e por prata não pude chegarme  
 Diante de Deus e o perdão obter;  
 Pio sangue de Cristo, eu pude lançarme  
 Na graça divina e o favor receber.  
 Por ouro e por prata não fui redimido;  
 A entrada do céu não se pode comprar;  
 Mas, só pelo sangue de Cristo vertido  
 Na cruz, poderemos a glória alcançar.

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 445.

**SALVO DE GRAÇA**

Que alegria, Jesus me salvou.  
 Por Sua graça, pois Ele levou  
 Os meus pecados, cravando-os na cruz,  
 Fazendo brilhar sobre mim a luz.  
 Salvo de graça por meu Jesus!  
 Salvo de graça, Já tenho a luz!  
 Demos-Lhe glória por grande vitória,  
 Que por mim ganhou o Senhor Jesus.  
 Sempre errante no mundo andei,  
 Longe de Deus, dos preceitos da lei,  
 Que me promete o gozo sem par,  
 Também liberdade aqui me dar.  
 Choro e prantos não podem valer,  
 Nem seus esforços, nem grande saber,  
 Para um perdido sedento de luz,  
 Se ele não crer no Senhor Jesus.  
 Tenho descanso do céu, gozo enfim,  
 Pois Jesus Crista salvou-me a mim;  
 Quando eu entrar no Seu reino de luz.  
 Melhor vou louvar o Senhor Jesus!

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 379.

**SALVO ESTOU**

Salvo estou, Jesus comprou-me  
 Do pecado e perdição;  
 Com Seu 'spírito já selou-me  
 Deume paz no coração.  
 Glória, glória, aleluia,  
 Já acheis salvação;  
 Glória, glória, aleluia,  
 Cristo deume redenção.  
 Cantarei com alegria,  
 Jubiloso som do céu.  
 Louvarei com harmonia  
 A Jesus. o amado meu.  
 A mensagem gloriosa  
 Duma eterna salvação,  
 Forte, sim, e poderosa,  
 Digna é de aceitação.  
 Ao chegar o fim da lida,  
 Me recebes, Salvador;  
 Me concede eterna vida,  
 No Teu reino de amor.

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 177.

## SE CRISTO COMIGO VAI

Se, pelos vales, eu peregrino vou andar  
 Ou na luz gloriosa de Cristo habitar,  
 Irei com meu Senhor p'ra onde Ele for  
 Confiando na graça de meu Salvador

### Coro

Se Cristo comigo vai, eu irei  
 E não temerei, com gozo irei;  
 comigo vai;

É grato servir a Jesus, levar a cruz;  
 Se Cristo comigo vai, eu irei.  
 Se lá para o deserto  
 Jesus me quer mandar;  
 Levando boas novas de  
 salvação sem par;  
 Eu lidarei, então, com paz no coração.  
 A Cristo seguindo, sem mais dilação.  
 Será a minha sorte a dura cruz levar  
 Sua graça e Seu poder,  
 Quero sempre aqui contar.  
 Contento com Jesus,  
 levando a minha cruz.  
 Eu falo de Cristo que é minha luz.  
 Ao Salvador Jesus eu desejo obedecer,  
 Pois na Sua Palavra  
 encontro o meu saber;  
 Fiel a Deus serei, o mundo vencerei,  
 Jesus vai comigo, não mais temerei.

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 515.

## UM CORAÇÃO BONDOSO

Um coração, bondoso sim, custa dor,  
 obter; Ser manso, amoroso e santo em  
 todo o ser; Manando nova vida ao  
 coração dá luz. E toda a minha lida será  
 só em Jesus. Quem quer seguir os  
 passos de nosso pai Abraão,  
 No coração, os laços,  
 então, se quebrarão;  
 Isaque é oferecido em cima do altar;  
 Jacó, com gran gemido,  
 Raquel vai enterrar.  
 Se grande é o sacrifício Isaque no altar,  
 Se torna em benefício pra quem o  
 ofertar, Pois tem profunda calma e paz  
 celestial, Também de Deus alcança,  
 aprovação real.  
 Na cova, Jeremias, lamenta grande dor,  
 Na escuridão não via o bom Consolador;  
 Sim, grandes amarguras se tornam em  
 prazer, Vêm anjos das alturas "O  
 sonhador" a ver.  
 Arão foi castigado por sua rebelião,  
 E, triste, humilhado, aceita exortação;  
 Consagra tua vida pra Deus melhor  
 honrar; Assim em dor e lida, precisas te  
 guardar. Acima nuvens densas o sol  
 sempre a brilhar;  
 Promessas mais imensas  
 não podem a ti falhar.  
 Põe plena confiança em  
 quem não pode errar,  
 Jesus, já sem tardança  
 vem tua dor sarar.

Fonte: Harpa Cristã, CPAD, 2011, nº 390.